



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Talita dos Santos Malheiros Gregorio

**Poéticas com cotidianos: artes como criações curriculares, estética da vida,
ética e política visual**

Rio de Janeiro

2023

Talita dos Santos Malheiros Gregorio

Poéticas com os cotidianos: Artes como criações curriculares, estética da vida, ética e política visual

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra.Nilda Guimarães Alves

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

G821 Gregorio, Talita dos Santos Malheiros
Poéticas com os cotidianos: artes como criações curriculares, estética da vida,
ética e política visual / Talita dos Santos Malheiros Gregorio. – 2023.
105 f.

Orientadora: Nilda Guimarães Alves.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Artes – Teses. 3. Covid-19 – Teses. I. Alves, Nilda
Guimarães. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de
Educação. III. Título.

bs CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Talita dos Santos Malheiros Gregorio

Poéticas com os cotidianos: Artes como criações curriculares, estética da vida, ética e política visual

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 06 de junho de 2023

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Nilda Guimarães Alves (Orientadora)
Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Maria da Conceição Silva Soares
Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Alice Fátima Martins
Universidade Federal de Goiás – UFG

Prof.^a Dr.^a. Leonardo Ferreira Peixoto
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRI

Dedico esta criação ao Tales, meu pequeno grande amor artista e artesão.

AGRADECIMENTOS

À minha avó Edna, pelos ensinamentos e paciência em minha criação.

Ao meu avô Paulo, pela delicadeza com o qual deslizava as linhas e os traços nos desenhos e nas costuras.

À minha mãe e ao meu pai, Sonia e Mauro, que mesmo sem terem frequentado uma universidade, sabiam que ali seria uma oportunidade única de mudança de vida, de tudo.

À minha irmã gêmea Tatiana, pela inspiração e modelo de dedicação aos estudos.

Ao meu esposo Ronaldo, que com seu amor, companheirismo e serenidade sempre acreditou que um dia eu estaria escrevendo esta pesquisa.

Ao meu filho amado Tales, que me fez conhecer a maternidade de uma forma linda e potente.

À Silvia Brandt, minha terapeuta, que me ajudou a transformar as inseguranças, dúvidas, medos e ansiedades em confiança. Nela encontrei abrigo para as minhas tempestades internas.

Aos colegas do grupo de pesquisa “Currículos cotidianos: redes educativas, imagens e sons”. Cada um deixou em mim uma poesia diferente.

À querida Rafaela Rodrigues, amiga de todas as horas, tempos, escritas, gargalhadas e perrengues. Entramos e criamos juntas no grupo de pesquisa. Nossas ideias se complementaram sem nenhum esforço. Tudo mais leve e divertido ao seu lado!

À professora Nilda Alves. Mulher com uma generosidade e força imensas. Que acolhe com afeto e oportuniza sonhos.

Às professoras e professores que tive ao longo dos caminhos da vida. Todos me (trans)formaram de alguma forma.

Aos estudantes que cruzaram as minhas redes até agora. Suas risadas, abraços, sonhos e lutas me criaram como docente.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos e apoio à pesquisa durante o mestrado.

Aforismo de descurricularizar um currículo

*Um currículo em devir-criança é possível?
O que pode um currículo crianceiro?
O que pode um currículo arteiro?
O que pode um currículo infantil? Infantilizar o currículo é possível?
E se um currículo fosse muitos? Nos plurais?
para ser lambido, babado, melado – currículo pirulito –
lírico, alvoroçado, festivo – currículo palhaço
vassoura, gancho, ponte, estrada, cama – currículo brinquedo
delirante, embriagante, insano – currículo brigadeiro
misterioso, profano – currículo só-riso
falante, barulhento, cortante, extravagante – currículo periquito
onde às coisas que não servem para nada – currículo-inutilezas
E se ele não desejasse formar? Mas...
Experimentar mundos
Correr mundos
Cair nos mundos
Ser de outros mundos
Girar mundos
Viver (extensivo e intensivo) no mundo da lua, do sol, de todos
os astros, constelações e e e e e
Petecar mundo
Saltitar mundos e fundos
Sair do mundo
E se ele não tivesse vontade de enunciar verdades resididas em
lugar fixo, mas fizesse morada ...
Sob a pele do chão
Em terra chã e safada
Na comunhão com bandos e matilhas
Nos corpos vibrantes e desejantes
Nos resíduos, nas miudezas, nos inutensílios e ignoranças
No vento cumprido que vai para além do mundo
Como fazer para si um currículo em estado árvore, em estado
infância?*

César Donizetti Pereira Leite
Bianca Santos Chisté
Giovani Cammarota

RESUMO

GREGORIO, Talita dos Santos Malheiros. *Poéticas com os cotidianos: Artes como criações curriculares, estética da vida, ética e política visual*. 2023. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Artes e poéticas cotidianas. Esta pesquisa, que se apresenta como uma conversa acerca das redes educativas, dos currículos e dos tantos '*espaçostempos*' escolares, conta um pouco da minha trajetória como estudante, pesquisadora e professora de Artes da rede pública da cidade do Rio de Janeiro junto das imagens, este artefato '*sensóriovisual*' que me acompanha desde a infância. Ao entender a potência dos encontros e das narrativas como metodologia de pesquisa com os cotidianos, esse texto se liga aos seus movimentos de caos e belezas pelas fabulações e pelos blocos de sensações que as artes proporcionam e proporcionaram às criações curriculares durante o período de isolamento social determinado pela pandemia mundial de Covid-19. A partir das dimensões ética, estética, política e poética da educação e de alguns acontecimentos que escoregaram dos controles de nossos '*corposmentes*' e por entre as barreiras ilusórias das disciplinas, um devir-curriculo experimentador de mundos e de possibilidades com as artes também foi possível ser criado longe das estruturas físicas das escolas. Esse apanhado de criações e resistências, de realidades e ficções, desemboca em um texto cheio de afetos, cores, imagens e sentimentos. Certeau, Deleuze, Guattari, Gallo, Pallasmaa, Alves, Martins, entre outros pesquisadores com os cotidianos me auxiliaram teoricamente nessa caminhada.

Palavras-chave: Artes. Cotidianos. Redes educativas. Criações curriculares. Pandemia de Covid-19.

ABSTRACT

GREGORIO, Talita dos Santos Malheiros. *Poetics with daily life: Arts as curricular creations, aesthetics of life, ethics and visual politics*. 2023. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

The arts and daily life poetics. This research presents itself as a conversation about educational networks, curriculum, and the many school '*spacetimes*', it tells a little about my trajectory as a student, researcher, and art teacher in the public network of Rio de Janeiro, along with the images, this '*sensory-visual*' artifact has been with me since childhood. By understanding the force of encounters and narratives as a research methodology with daily life, this text is linked to its movements of chaos and beauty, through fables and blocks of sensations that the arts provide and provided to curriculum creations during the period of social isolation determined by the worldwide Covid-19 pandemic. From the ethical, aesthetic, political, and poetic dimensions of education and some events that got out of control of our '*bodiesminds*', and through the illusory barriers of school subjects, a becoming-curriculum that experiences worlds and possibilities with the arts, it was also possible to be created away from the physical structures of schools. This collection of creations, resistances, realities, and fiction leads to a text full of affections, colors, images and feelings. Certeau, Deleuze, Guattari, Gallo, Pallasmaa, Alves, Martins, among other researchers with daily life helped me on this theoretical journey.

Keywords: Arts. The daily ones. Educational networks. Curriculum creations. Covid-19 pandemic

RESUMEN

GREGORIO, Talita dos Santos Malheiros. *Poéticas con la vida cotidiana*: Las artes como creaciones curriculares, la estética de la vida, la ética y la política visual. 2023. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Artes cotidianas y poética. Esta investigación, que se presenta como una conversación sobre redes educativas, planes de estudio y los muchos "espacios" escolares, cuenta un poco sobre mi trayectoria como estudiante, investigadora y profesora de Artes de la red pública de Río de Janeiro junto con las imágenes, este artefacto "sensorial" que me ha acompañado desde la infancia. Al entender el poder de los encuentros y las narrativas como metodología de investigación con la vida cotidiana, este texto se vincula a sus movimientos de caos y belleza por las fabulaciones y bloques de sensaciones que las artes proporcionan y proporcionan a las creaciones curriculares durante el período de aislamiento social determinado por la pandemia global de Covid-19. A partir de las dimensiones éticas, estéticas, políticas y poéticas de la educación y de algunos acontecimientos que se deslizaron fuera de los controles de nuestros "cuerpos" y a través de las barreras ilusorias de las disciplinas, también fue posible crear un currículo de devenir experimentando con mundos y posibilidades con las artes lejos de las estructuras físicas de las escuelas. Esta colección de creaciones y resistencias, de realidades y ficciones, conducen a un texto lleno de afectos, colores, imágenes y sentimientos. Certeau, Deleuze, Guattari, Gallo, Pallasmaa, Alves, Martins, entre otros investigadores con la vida cotidiana me ayudaron teóricamente en este paseo.

Palabras clave: Artes. Cotidiano. Redes educativas. Creaciones curriculares. Pandemia de Covid-19.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1	Mudanças	13
Imagens 2 e 3	O quarto com paredes decoradas e os adesivos no rosto	15
Imagens 4 e 5	A chegada da roupa do balé e a única apresentação da bailarina	17
Imagem 6	Colégio Divina Providência, 1º ano do 2º grau, 1995.	19
Imagem 7	Exposição Brasil + 500, Museu Nacional de Belas Artes	21
Imagem 8	Uma formatura diferente	22
Imagens 9, 10 e 11	Greves, luta ...	23 e 24
Imagem 12	A mágica das cores	25
Imagem 13	Festa das crianças	26
Imagem 14	Sentimentos	28
Imagem 15	Paulo Freire	31
Imagem 16	Surpresas cotidianas	33
Imagem 17	Medo, distanciamento, proteção	35
Imagens 18 e 19	Fachada e rotunda do Centro Cultural Banco do Brasil RJ	38
Imagens 20 e 21	Imagens da exposição “Nise da Silveira: a revolução pelo afeto”	39
Imagens 22 e 23	Encontros	41
Imagem 24	Nós somos resistência	43
Imagem 25	Poética da solidariedade	44
Imagem 26	Onde estão os poemas cotidianos?	46
Imagem 27	Diferenças	50
Imagem 28	Continente Africano	54
Imagem 29	Pintura mural Ndebele	56
Imagens 30, 31, 32	Mural das crianças do 5º ano	57
Imagem 33	Desenho de Emanuella	59
Imagens 34, 35, 36 e 37	Pintura corporal com canetinha	61
Imagem 38	Palavras de Gentileza	63
Imagens 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45 e 46	Formação, transformação	64 e 65

Imagem 47	Acasos ...	66
Imagem 48	Coletividade, união	70
Imagem 49	Vivo de rasgos e remendos	72
Imagem 50	Chegadas e partidas	73
Imagem 51	É preciso coragem	75
Imagens 52, 53, 54 e 55	Artes. Poéticas cotidianas	77
Imagens 56 e 57	Ivan Cruz e suas brincadeiras	81
Imagens 58, 59, 60 e 61	Jogo da memória artesanal	82
Imagens 62, 63 e 64	Telas de Anna Julia	83
Imagem 65	Eu, Anna Julia	84
Imagem 66	Fachada com Bandeirinhas, Alfredo Volpi, 1950	85
Imagem 67	Criação de Camila, 9 anos	86
Imagem 68	Histórias, inícios, fins, recomeços	87
Imagem 69	Vidas, Artes	89
Imagem 70	Viva o SUS!	90
Imagem 71	Equidade	92
Imagem 72	Ah, os detalhes...	95
Imagem 73	Encontros pela arte	97
Imagem 74	Prazer, Talita	100

CA	Classe de Alfabetização
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
MNBA	Museu Nacional de Belas Artes
COART	Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação
DECULT	Departamento Cultural
RJ	Rio de Janeiro
MPB	Música Popular Brasileira
CCBB	Centro Cultural Banco do Brasil
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

SUMÁRIO

	E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU.....	14
1	CONVERSAS COM AS IMAGENS.....	29
2	A PANDEMIA CHEGOU!	34
3	O ESTALAR DAS IDEIAS.....	44
4	POR ONDE ANDEI.....	51
4.1	Não trago respostas prontas.....	51
4.2	Artes, afetações, criações antes da pandemia de Covid-19.....	54
5	‘SENTIDOSSENTIMENTOS’ E TRAJETOS DESTA PESQUISA.....	67
6	FABULAÇÕES COMO CRIAÇÃO DE ARTES E DE UM DEVIR- CURRÍCULO.....	76
6.1	Entre o real e a ficção está a potência das artes e da educação.....	76
6.2	Durante o isolamento social.....	79
7	QUESTÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS.....	
7.1	Estética, ética, política e poética na educação com as artes.....	88
	PARA NÃO CONCLUIR ESSA CONVERSA.....	96
	REFERÊNCIAS.....	101

CUIDADO ABSOLUTO
PR/NÃO SE ACOSTUMAR
COM TODAS AS COISAS
SEMPRE MILIMETRICAMENTE
»» NO MESMO LUGAR ««

ISADORA NÃO ENTENDE NADA

E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU ...

Meu corpo me faz lembrar quem eu sou e onde me localizo no mundo. Meu corpo é o verdadeiro umbigo de meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspectiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação, interação.
(PALLASMAA, 2011, p. 11)

Essa pesquisa é sobre mim. Mas também é sobre nós, sobre educação, sobre sentimentos, encontros, resistência e artes.

Sento para escrever essas palavras com um largo sorriso no rosto e boas lembranças na memória. Ao revisitar toda a trajetória que me fez chegar aqui, até esse texto, lembro das emoções, sentimentos e sensações que se acomodaram em meu corpo e me impulsionaram a ser quem sou hoje. Identidade formada pelas artes, reforçada pelos cotidianos e articulada às tantas vivências como filha, estudante, educadora e mãe.

Lembro-me junto das artes desde a primeira infância. Carrego-as em mim das mais diversas formas. Elas eram instrumentos de diversão, distração, criação e sobrevivência. As músicas, os sons, os movimentos da dança e as imagens, qualquer imagem – desenho, pintura, fotografia, adesivos, cartazes, papéis de carta, gibis, propagandas – sempre me fascinaram (e ainda me fascina). Posso ser interpretada pelas artes.

Lembro de meu primeiro quarto, que era compartilhado com minha irmã gêmea, todo decorado com imensas imagens coladas nas paredes. Eram animais em um cenário de floresta. Meus olhares já percorriam aqueles desenhos e linhas com curiosidade, atenção e encantamento. Eu deveria ter uns três ou quatro anos de idade. Mas aquele cenário ainda permanece tão nítido em minhas lembranças que sou capaz de descrever a posição e as cores de todos os desenhos que faziam parte daquele cômodo. Falo do início da década de 1980.

Neste mesmo quarto também tinha um guarda-roupa simples, pequeno, mas todo decorado por dentro. Eram desenhos de frutinhas, legumes e verduras, todos bem coloridinhos. E não é que cada desenho daqueles também eram adesivos!? Lembro da emoção quando eu descobri tal mistério. Acho que nem meus pais sabiam quando compraram o móvel, pois foi uma surpresa para todos. Após essa descoberta, minha brincadeira diária era escolher qual figura eu iria colar nos cadernos, mochilas, paredes e até no corpo. Eram tantos, que todos os dias eu pegava adesivos e ainda restava montão – para a minha alegria!

Compreendi tudo isso no momento em que li Carvalho (2022, p. 31):

A arte perspectiva outro mundo, outra realidade, outras possibilidades de nos conectar com a vida, justamente porque a realidade não basta com seus signos. (...) Para Artaud, a arte não deve ter nenhuma piedade da norma instituída, porque ela não é sabujo das expressões artificiais idolatradas por aqueles que negam o que é próprio da vida, sobretudo o imponderável, os perigos, o incompreensível, o inefável, o imprevisito, a palpitação descompassada pelo que age e atravessa o corpo.

Imagens 2 e 3 – O quarto com paredes decoradas e os adesivos no rosto



Fonte: Acervo pessoal.

Pouquíssimo tempo depois dessas fotos, meus pais se separaram. O quarto infantil decorado foi substituído por quartos compartilhados com meus avós e mãe. As paredes já não tinham cores e formas alegres, mas umidade e infiltrações. A vida confortável cedeu lugar a um mundo novo, de privações e ausências. Mas também de muitos aprendizados. Tenho poucas lembranças dessa primeira casa. Mas tal cômodo permanece em mim como uma memória viva de um afeto sensorial e acolhedor. Ali me conectei para sempre com as imagens. E por essa experiência entendo, como Pallasmaa (2011, p. 61), que

Contemplamos, tocamos, ouvimos, medimos o mundo com toda a nossa existência corporal, e o mundo que experimentamos se torna organizado e articulado em torno do centro de nosso corpo. Nosso domicílio é o refúgio do nosso corpo, da nossa memória e identidade.

Logo vieram as lembranças de escolas. Já na primeira série do ensino fundamental, antiga CA (Classe de Alfabetização), as pequenas imagens dos livros didáticos eram ampliadas

em folhas maiores em casa, sem nenhuma técnica ou medição, somente por pura diversão ou distração mesmo. Eu desenhava “de olho”, como diziam na época. Traços livres, soltos, marcados pelo acaso, que exploravam a dimensão e textura dos papéis sem nenhuma pretensão de técnica ou proporção. Braços e mãos e corpo que se coordenavam em traços firmes. Isso por volta dos cinco anos de idade, fase em que muitas crianças ainda estão começando a manusear os lápis corretamente ou com mais firmeza. Lembro, também, que as atividades que possuíam desenhos eram as minhas preferidas. Se estivessem em preto e branco, eu as coloria, mesmo quando não solicitado. Tudo ficava mais divertido quando colorido. Essa experiência nos é descrita por Martins (2010, p. 227) da seguinte maneira:

A princípio, toda criança desenha. Desenha com qualquer instrumento que lhe sirva de prolongamento para o corpo, deixando registrado em alguma superfície o seu gesto. Desenha se deslocando no espaço, traçando etéreos caminhos, fugazes construções, imaginárias estruturas que se compõem e recompõem no brincar desde si em direção ao mundo. Desenha interagindo com os objetos nos quais projeta o próprio corpo, que vai sendo descoberto e reconhecido aos poucos, na medida da construção das relações consigo, com os outros e com o seu meio. Toda criança desenha a si mesma enquanto rabisca, quando esboça quaisquer figuras, enquanto grafa os elementos do seu universo explorado, e os nomeia, e compõe indetermináveis histórias a partir deles.

Por falar em cores, elas sempre me encantaram! Lápis de cor, hidrocores, tintas e canetas e papéis coloridos eram o que eu gostava de ganhar e colecionar. Eram poucos, mas que valiam ouro para mim. Eu cuidava dos materiais com todo o cuidado do mundo, pois sabia que meus pais não teriam como comprá-los novamente em um curto período de tempo. Por vezes, tinha pena de usá-los para não acabarem. Outras vezes, me bastava somente ficar admirando e contemplando aqueles objetos como se fossem, em si, verdadeiras obras de arte. Com eles, eu ficava horas brincando de criar um mundo só meu, longe dos problemas e apertos que toda família de baixa renda enfrenta nos cotidianos.

Com o passar dos anos e dos anos letivos, a paixão pelas formas e pelas cores foi aumentando, ao ponto de eu ser sempre solicitada para a criação de atividades e pesquisas em cartazes de cartolina. Não somente os desenhos ficavam sob minha responsabilidade, mas também a organização de toda a composição. Aqui eu já sentia a necessidade de combinar e encaixar as imagens esteticamente com os textos. Assim como os títulos, eu inventava os formatos das letras e as trocava a cada trabalho feito. Acho que eu era uma das únicas das turmas das quais passei que amava quando os professores pediam cartazes. Ficava horas planejando a criação das atividades em cartolinas. Era um momento mágico, único, de afecção e afetação.

Segundo Lopes (2022, p. 101-102):

Sabe-se que o infante procura aprender rascunhando movimentos afetivos por meio das quais pode tecer modos diferenciados de relação do seu corpo-pensamento com as coisas do mundo em meio à experiência do encontro ... E que, sob tal experiência, ele vai rabiscando contornos, figuras, formatos, configurações e modelos – mais ou menos singulares, mais ou menos adequados, inventivos e criadores. Com isso, se busca esboçar uma ideia que possa, mesmo de modo precário, afirmar a potência atual do corpo-pensamento infante para expressar-se enquanto força de produção do real social.

Junto com o desenho, que me acompanhou desde sempre, a dança fez parte de um pequeno período de minha infância, mas deixou marcas, sendo que ainda hoje lembro dela com saudade e afeto. Os movimentos leves e graciosos de uma professora de balé clássico me emocionaram de tal forma que desejei fazer parte daquele universo mágico e encantador. Com muita dificuldade, mas com muita alegria, ganhei as roupas, as sapatilhas, os adereços de cabelo e a matrícula naquela pequena escolinha de dança do bairro onde eu morava. Lá me deparei com um universo que não era o meu, mas que me aconchegava de tal modo que dali eu não pretendia sair. Aquele espaço e aquelas aulas de balé – aos sete anos de idade – me faziam sonhar com um futuro lindo na dança. Por questões financeiras, o sonho teve que ser interrompido (ou adiado. Será?) em pouco tempo. Como me doía passar pelo portão daquela escola e saber que eu não poderia mais ocupar aquele lugar.

Imagens 4 e 5 – A chegada da roupa do balé e a única apresentação da bailarina



Fonte: Acervo pessoal.

O balé clássico também ficou para trás, porém o desenho nunca me abandonou. Nem eu a ele. Ele me acalentava em dias cinzentos e doloridos, mas também em dias coloridos. Desencadeava um turbilhão de ideias que se espalhavam pelos cadernos, agendas, livros e paredes dos quartos. As bonecas de papel ganhavam roupinhas de papéis recortados. Os objetos – qualquer objeto que estivesse ao alcance da observação – viravam um motivo a ser desenhado. Tudo virava Arte. Cores, linhas e texturas se transformavam em criações, alegorias e diversão cotidianas.

Ainda nos períodos escolares, me recordo que tudo que envolvia desenho atraía demais a minha atenção. Nunca gostei de matemática e sempre tive muita dificuldade com os cálculos e fórmulas. Mas amava a geometria. Com a ajuda dos desenhos, eu entendia os números e as contas. A Físico-Química tirava o meu sono e a minha paciência no segundo grau, atual ensino médio. No entanto, a Química Orgânica, com suas funções e cadeias carbônicas, era uma das minhas paixões da adolescência. Suas fórmulas, estruturas e formatos variavam de acordo com suas funções e ligações. E aquela tabela periódica toda coloridinha e cheia de siglas? Que coisa linda! A minha era plastificada e guardada dentro do caderno para não amassar. Eu sabia a posição de cada um daqueles elementos emaranhados de letras e cores.

A professora de Literatura Brasileira recitava poemas em sala de aula. Sua voz doce e suave nos tirava o fôlego. Era impossível não ficar vidrada naquelas palavras, voz e melodias. Ela era apaixonada por MPB e Chico Buarque. Por vezes, ele também aparecia em nossas aulas. Não entendia muito bem suas letras naquela época, mas a sonoridade me agradava. Aliás, as aulas da professora Margareth, carinhosamente chamada de Margô, eram recheadas de músicas, sons, imagens, filmes e obras de arte.

O professor Marcelo, de História, fazia do quadro verde sua tela de pintura. Uma caixinha de giz colorido sempre o acompanhava. Assim que começava a falar, os desenhos surgiam no quadro. Ele não escrevia nada, a matéria não era colocada em sala de aula em forma de texto, escrita, mas sim em imagens. Os personagens e os cenários eram criados à medida que tais fatos históricos eram narrados. Suas aulas pareciam uma contação de histórias animada. Ele encenava, desenhava, narrava ... tudo ao mesmo tempo. Ao final da aula, o quadro ficava tomado de cores e formas, de uma ponta à outra. E os cadernos vazios, pois todos ficavam vidrados em suas performances. Imaginem as notas das avaliações? Quem conseguia lembrar dos desenhos ainda se saía um pouquinho melhor. O livro didático era pouco usado.

Diante tudo isso, Alves *et al.* (2020, p. 225) nos instigam pensar que

São imagens e sons que nos permitiram compreender e interrogar, de certo modo, a sociedade em que vivemos, criando '*conhecimentossignificações*' e memórias, fazendo, assim, ressurgir sentimentos e pensamentos cada vez que as '*vemosouvimos*'. Isto nos permite afirmar que essas imagens e esses sons nos formam, desde sempre, como pessoa, cidadão e profissional.

Acho que nem preciso falar das aulas de Artes; sempre foram as minhas preferidas em todos os anos de escolaridade. Aliás, na antiga quinta série, tive aulas de História da Arte e odiei, porque eu queria desenhar, desenhar, desenhar ... (A Talita criança nunca imaginaria que anos depois iria se habilitar justamente em História da Arte). Foi na escola onde tive os maiores contatos com as expressões artísticas durante minha infância e adolescência. Não frequentei museus, cinemas, teatros ou espetáculos quando nova. Estes não eram os passeios sugeridos pela minha família. Foi a escola que me fez ter curiosidade e vontade de frequentar estes espaços.

Imagem 6 – Colégio Divina Providência, 1º ano do 2º grau, 1995



Fonte: Acervo pessoal.

E esse mundo de fantasias e criações acabou virando profissão. Por acaso, talvez – hoje acredito que não existiu esse tal acaso. Por algumas vezes, acreditei que deveria seguir por outros caminhos. Tentei vestibular para Publicidade e Propaganda por três anos consecutivos, mas sem nenhum sucesso. Pensei em cursar Química, mas desisti da inscrição por conta da prova específica de Matemática e Física, em que sempre fui um fiasco. Por fim, já cansada dos

anos de preparação para as tantas provas de seleção das inúmeras universidades do Rio de Janeiro, resolvi prestar vestibular para o curso de graduação em Educação Artística na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), campus Maracanã. Bingo! Novamente a arte me capturou e me mostrou a realidade: eu não poderia viver sem ela. Nunca mais! Tudo o que tinha ‘*vividoouvidosentidopensado*’¹ (ALVES, 2019) em casa, nas ruas e nas escolas até então tinha me formado e ajudaria a formar as redes de tantas outras pessoas.

Com a graduação, vieram os estágios, os cursos, as oficinas, a organização de eventos e exposições, outras vivências e experiências. Logo no segundo período do curso, no ano 2000, meus colegas de turma e eu fomos convidados para compor a equipe do setor educativo do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), situado no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Um museu lindo, tradicional, com uma arquitetura eclética e gigantesca. Era a primeira vez que lá eu entraria, aos 20 anos. Lembro que fiquei fascinada com seu interior. Meus olhos e ‘*corpomente*’² percorriam cada cantinho daquele prédio com encanto e admiração. Sua monumentalidade me paralisou por alguns minutos.

A exposição se chamava “Brasil + 500 Mostra do Redescobrimento – Módulo Barroco”. Arte sacra, oratórios, muitas peças esculpidas e entalhadas em madeira e em cerâmica, arte popular. Outros módulos dessa mesma Mostra estavam espalhados por outros museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro. Obras de Aleijadinho, Francisco Xavier de Brito, Frei Agostinho da Piedade, Frei Agostinho de Jesus e Mestre Valentim compuseram lindamente a exposição. Foi com este estágio que tive minha primeira experiência como educadora e entrei em contato pela primeira vez com estudantes de escolas públicas. Amei! Apesar de ter crescido numa família de baixa renda, cursei – entre descontos, atrasos e apertos – todo o ensino fundamental e o ensino médio numa escola particular católica de padres localizada no Jardim Botânico, bairro da zona sul da cidade do Rio de Janeiro.

A partir desta exposição e de todos os encontros e experiências possibilitadas por ela, decidi que eu queria trabalhar como educadora de museus e centros culturais (mal sabia que a vida e suas redes que nos enlaçam me reservariam tantas belas surpresas.)

Em 2002, para a minha alegria, veio novamente um convite para estagiar no setor educativo do Museu Nacional de Belas Artes. Agora a exposição seria “Espanha do século

¹ No decorrer deste texto, a escrita de algumas palavras aparecerá unida, em itálico e entre aspas simples porque considero que as dicotomias limitam o desenvolvimento das pesquisas com os cotidianos. Por vezes, algumas palavras também aparecerão invertidas em relação ao modo como são ditas hegemonicamente, para mostrar a multiplicidade dos cotidianos com os quais vivemos, nos formamos e pesquisamos.

² Em nosso grupo de pesquisa, entendemos que o corpo e a mente constituem o ser humano, sendo a mesma substância de afetação, cognição e sentimentos. Impossível separá-los da conexão com as potências da vida.

XVIII – O sonho da razão?”. Aqui o Iluminismo e as novas concepções sobre homem, sociedade, economia e religião estavam em pauta, assim como as transformações no modo de pensar e agir observadas naquela época. Arte europeia, artistas eruditos, pinturas clássicas e em telas gigantescas. Totalmente o oposto da primeira exposição trabalhada. Totalmente o oposto de minhas predileções de gosto, de estética, de composição artística. Um desafio, mas tão fascinante quanto a primeira. Como eu amava ocupar aquelas salas junto com as obras de arte. Contemplava cada cantinho daquelas telas e molduras enormes. Mais uma vez a educadora estava sendo formada. Não nas salas de aula das escolas formais, mas entre outros *‘espaçostempos’* de educação e de arte.

Imagem 7 – Exposição Brasil + 500, Museu Nacional de Belas Artes



Fonte: Acervo pessoal

Após essas duas incríveis experiências, comecei a estagiar dentro da Universidade, dentro da UERJ. Estágio interno complementar, estágio de extensão, Programa de capacitação profissional, no Instituto de Artes, na Coordenadoria de Artes e Oficinas de Criação (COART) e no Departamento Cultural (DECULT). Passei pela fotografia, aquarela, dança de salão, contação de histórias, criações em arte-educação. Em um curso com habilitação em História da Arte – subentende-se História das Artes ocidentais eruditas e hegemônicas, pinturas em sua maioria –, me apaixonei pela cultura e arte popular. Fui na contramão do óbvio. Encaixei-me

na minoria e defendi minha escolha até o final. Uma única professora do Instituto de Artes poderia me orientar e assim foi feito. Curso concluído em quatro anos, em meio a algumas greves e paralizações (necessárias).

Pela cultura e arte populares deixo aqui a minha eterna admiração e paixão. Dentre tantas disciplinas acerca da história das pinturas europeias, a professora Cáscia Frade, uma simpática senhora defensora das artes das ruas, das periferias, da cultura do povo e das manifestações folclóricas, conquistou meu coração. Muitos estudantes encaravam a sua disciplina como algo estranho ou menor dentro do curso e da universidade. Mas aquela professora de baixa estatura era pura fortaleza e resistência naquele instituto que cismava em excluí-la da grade. Suas aulas, falas e posição política ecoam até hoje em mim de forma potente.

Imagem 8 – Uma formatura diferente



Fonte: Acervo pessoal.

Saí da universidade direto para a educação museal. Não pretendia ser docente de escolas básicas regulares, apesar de ter feito concursos antes mesmo da conclusão da graduação. Fiz por segurança. Por querer desviar de tudo o que os meus pais passaram e penaram em seus locais e anos de trabalho. Fiz as provas, mesmo achando que não me encaixaria nas formalidades da profissão. Corri das salas de aula enquanto pude. Mas ela me alcançou e eu não consegui mais fugir de seus problemas e encantos. E lá se vão dezessete anos ... também entre greves, paralizações e licença-maternidade...

Comecei atuando no ensino médio e no segundo segmento do ensino fundamental, em uma escola estadual na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Lá conheci adolescentes, jovens e adultos encantadores e desafiadores. Naquele ano, em 2006, o ensino médio do turno da noite ainda era ocupado, em quase sua totalidade, por adultos e idosos que não tiveram a oportunidade de concluir os seus estudos nas “idades corretas”. Como eu adorava estar entre aquelas senhoras e senhores que ainda acreditavam na educação como uma potente ferramenta de transformação social. Alguns pisaram em um museu pela primeira vez junto comigo. Outros conseguiram comprar sua primeira caixa de lápis de cor com o próprio dinheiro e vieram me contar sobre suas alegrias em escolher seus próprios materiais de artes. Ali eles buscavam sonhos, melhores condições de trabalho ou mudança de profissões. Ali fui recebida com afeto, presentinhos, empadas e bolinhos. A taurina aqui amava!

Pouco depois que entrei na rede algumas movimentações em direção às greves começaram a se estabelecer. Salários defasados, escolas sem condições de trabalho adequados, docentes insatisfeitos. Ainda não tinha cumprido o período de estágio probatório quando comecei a frequentar assembleias, manifestações e fazer paralizações. Lutar pela educação também faz parte da educação. Faz parte de nosso *‘aprenderensinar’* e da formação docente cotidiana. Faz parte de nossa caminhada, sempre em defesa da educação pública e de qualidade para todos. Faz parte de nosso sonho constante por justiça social. As ruas são potentes *‘espaçostempos’* de criação de *‘prácticasteorias’* de vida, de docência.

Imagens 9, 10 e 11 – Greves, luta...





Fonte: Acervo pessoal.

Passei a maior parte de meus anos como docente, até agora, com os adolescentes. Foram onze anos. Com eles tive as melhores conversas e as maiores provocações. Ao mesmo tempo que tinha vontade de sair correndo, sentia a necessidade de estar junto deles. Como são criativos, questionadores! Verdadeiros artistas e fabuladores das melhores histórias. Com eles aprendi a levar os currículos e as salas de aulas com mais leveza. Criamos juntos as melhores

obras de arte – tenho muitas guardadas até hoje – e viajamos sem sair do lugar. Aliás, nossa imaginação saiu bastante do lugar comum e da zona de conforto.

Lembro deles me perguntando quando eu iria levar desenhos para colorir. – “Nunca!”, eu sempre respondia. Confesso que eu nem sabia que isso existia nas aulas de artes. Explicaram-me que era uma prática comum entre seus professores anteriores. Sentia estranhamento, já que inúmeros desenhos prontos estavam disponíveis para eles a qualquer momento, em qualquer lugar. Eu não tinha aprendido isso na universidade e nem nos estágios de prática de ensino. Muito menos nas escolas particulares onde estudei. Em meio a esses questionamentos, eu usava retroprojeto para exibir imagens em acetato, levava filmes e animações, diversos tipos de papéis e suportes, materiais de colorir variados, livros, contava histórias, desenhava com eles. Aos poucos, a frequência das perguntas foram reduzindo, até desaparecer por completo.

Imagem 12 – A mágica das cores



Fonte: Acervo pessoal.

Atualmente, estou com as crianças do primeiro segmento do ensino fundamental. Mais precisamente, há quase 5 (cinco) anos. Após retornar da licença-maternidade, mudei de escola e de público por opção própria. Agora eu voltava como mãe e docente, estava tudo diferente. Busquei por mudanças, novidades, novos ares, pois eu também tinha mudado. Ainda estou aprendendo a lidar com tanta energia e peraltice dos pequenos. Ainda estou me formando junto com eles. Como são engraçados! Divirto-me com suas histórias sem sentido (para mim) em

meio a um conteúdo curricular. Fico emocionada a cada cartinha e desenho que entregam no final das aulas. Guardo todas, mas já ficando sem espaço físico para tanto afeto. Também são ótimos observadores e criadores de coisas diversas. Como a infância é mágica! Tento preservar esse encanto com a ajuda das artes. Eles se divertem. Mas acho que eu me divirto mais ainda.

Fazemos desenhos juntos, brincamos de ser artistas famosos, grafiteiros, pintamos os nossos corpos, fazemos mágica com as cores e com as formas, *'vemosouvimos sentimos pensamos'* com imagens, sons e vídeos, as culturas diferentes das nossas. As linhas se transformam acessórios de cabelo, os objetos da natureza ganham outros significados, os lápis de cor viram esculturas e os papéis, dobraduras. Pontos saltam dos papéis. Criações saltam aos olhos e aos sentidos. Arquitetamos memórias e sensações. As crianças me surpreendem sempre!

Mais uma vez, Pallasmaa (2011, p. 38) nos diz que:

As experiências sensoriais se tornam integradas por meio do corpo, ou melhor, na própria constituição do corpo e no modo humano de ser. (...) Nossos corpos e movimentos estão em constante interação com o ambiente; o mundo e a individualidade humana se redefinem um ao outro constantemente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma experiência existencial contínua; não há corpo separado de seu domicílio no espaço, não há espaço desvinculado da imagem inconsciente de nossa identidade pessoal perceptiva.

Imagem 13 – Festa das crianças



Fonte: Acervo pessoal

Trago todos esses episódios como uma revisitação de minha (trans)formação como cidadã e docente. Em meio a tudo isso, ainda passamos pela pandemia de Covid-19, iniciada em 2020. Nossas relações com as pessoas, com cotidianos e com as escolas mudaram e ainda continuam mudando para melhor, acredito. Ficamos mais atentos aos sons, às falas, aos gestos. Percebemos a importância dos encontros, dos toques e dos abraços. Hoje, sou a professora de Artes Visuais que acolheu as predileções da infância e fez dela profissão. Com as greves, *'aprendiensiinei'* a militar para/com os estudantes e com todos os profissionais da educação. E com as salas de aula me dou conta, a cada dia que passa, de que lá é onde eu quero estar, criar, continuar me formando e ajudando a formar tantas outras redes educativas.

É *'dentrofora'* das salas de aulas e dos *'espaçostempos'* escolares que posso desejar abalar as estruturas curriculares e disciplinares que sufocam os nossos desejos de mudança social, política e econômica. Mudanças de vidas em seu sentido mais amplo, pois, segundo Carvalho e Gallo (2022, p. 161) “o desejo nos permite afirmar que podemos muito mais do que nos fazem acreditar que podemos”³. Por isso é sempre bom revisitar o pretérito mais que perfeito e perceber que somos feitos desses pedacinhos de instantes e imensidões.

³ Os fatos que vão aqui aparecer têm a ver com uma posição ética e política que, no grupo de pesquisa, entendemos ser necessário adotar “nos tempos de pandemia”. Tudo estava muito difícil e nosso medo muito presente. Decidimos, então, guardar e apresentar aquilo que de belo estava acontecendo naquele período. Sabemos que os cotidianos – em especial no momento de crise – é também muito conflituoso. Mas decidimos mostrá-lo em suas dimensões estéticas e poéticas.

somos a soma daquilo
que sentimos.



@andremachadodeazevedo

1 CONVERSAS COM AS IMAGENS

Através das imagens, nos tornamos capazes de alcançar o passado e revisitá-lo – reinventando-o – na expectativa de trazê-lo à baila para transformá-la em presente, mesmo que temporariamente, e torná-lo, se e quando possível, gerador de condições de possibilidades de futuros. As particularidades e idiosincrasias das nossas relações com as imagens amolecem e agitam sentidos múltiplos, transculturais.

(MARTINS; TOURINHO, 2010, p. 10).

Escrevo entre palavras e cores e formas e criações. Trago, no decorrer deste texto, algumas imagens de arquivos pessoais e também retiradas das redes digitais com as quais podemos conversar. Uma conversa informal, despretensiosa, mas sensível. São imagens escolhidas com cautela e que possuem fortes e belas ligações com esta pesquisa. Por vezes são apenas momentos de reflexão capturados pelas redes sociais e páginas da internet. Postagens que me afetaram de alguma forma no decorrer destes estudos e que as fizeram parar aqui.

Ferraço e Alves (2018, p. 42) nos indicam que uma conversa somente acontece quando, em relação com o Outro, algo muda ou se desloca em nós, fazendo com que nossas emoções deem voltas pelas complexidades e novidades mundanas. O Outro aqui também se apresentará como imagem, como algo que marcará uma relação entre dois, leitor e figura ou desenho. Os mesmos autores nos ajudam a pensar que

Podemos dizer que as conversas quando, de fato, acontecem, teriam essa potência de colocar sob suspeita nossos clichês-opiniões-verdades, empurrando-nos para os limites de nossas crenças-valores, ao nos forçar a pensar com outras referências os acontecimentos vividos nos cotidianos de nossas vidas. É como se estivéssemos, durante as nossas conversas, vivendo, sempre, questões que insurgem em meio às linhas de multiplicidades que nos compõem (FERRAÇO; ALVES, 2018, p. 58-59).

É certo que “a imagem nunca é uma realidade simples” e que “não é uma exclusividade do visível” (RANCIÈRE, 2012, p. 14-16). Portanto, não cabe, neste caminho, explicar nem interpretar este artefato ‘sensóriovisual’. Nossas histórias, vivências e experiências se encarregarão dessa tarefa. As imagens estão aqui – e nas salas de aulas – como um respiro e uma subversão em meio à crença nas palavras escritas “como única fonte da verdade” (MACHADO, 2001, p. 12) e única forma de criação de ‘conhecimentossignificações’. Elas fissuram a hegemonia dos textos e da ortografia, das normas e das lógicas, problematizam as relações entre poder e saber, e abrem brechas para dialogar como todos os nossos sentidos, sentimentos e imaginação. Imagens como atravessamentos, agenciamentos, conversas e conexões com as dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas da vida e da educação.

Imagens como partidas e chegadas a territórios não capturáveis pelas palavras. Como presença sensível no emaranhado de nossas redes educativas.

De acordo com Pallasmaa (2013, p. 136):

A experiência, a memória e a imaginação são qualitativamente iguais em nossa consciência; podemos ser igualmente sensibilizados por algo evocado por nossa memória, imaginação ou experiência presente. A arte cria imagens e emoções que são tão verdadeiras como os encontros presentes de nossas vidas. Fundamentalmente, em uma obra de arte encontramos nós mesmos, nossas próprias emoções e nosso próprio “pertencer ao mundo” de uma maneira intensificada. Uma experiência genuína com a arte ou com a arquitetura é principalmente uma consciência reforçada de nossa identidade pessoal. (...) Um dos paradoxos da arte e da arquitetura é que, embora todas as obras comoventes sejam únicas, elas refletem aquilo que é geral e compartilhado pela experiência existencial humana. Dessa maneira, a arte é tautológica; ela continua repetindo a mesma expressão básica diversas vezes: como nos sentimos como seres humanos nesse mundo.

As imagens selecionadas para habitar as próximas páginas provocam os nossos sentidos e *‘corposmentes’*. Não no intuito de nos afrontar, mas como um movimento de abertura a outros modos de afirmar a vida, os currículos, os cotidianos, as leituras e as escritas. Imagens que complementam e acompanham essas páginas de forma leve e intensa ao mesmo tempo. Que nos afetam ao afirmar a potência dos encontros através dos quais algumas foram criadas. Que visitam o nosso passado e nosso presente, revirando a bagagem que trouxemos até aqui e agora.

Faço delas meus personagens conceituais (DELEUZE; GUATTARI, 2010), ao dialogar com minhas ideias e pesquisa, ao movimentar meus pensamentos e me (re)construir constantemente. Como “verdadeiros agentes de enunciação” (2010, p. 79), as imagens que nos atravessam em múltiplas dimensões e direções também são capazes de sacudir estruturas rígidas e adormecidas de nossas redes, visibilizando belezas, doçuras, mas também exclusões, injustiças.

Para os mesmos autores:

[...] Os personagens conceituais têm este papel, manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento. [...] Tal ou tal personagem conceitual pensa em nós, e talvez não nos preexistia. Por exemplo, se dizemos que um personagem conceitual gagueja, não é mais um tipo que gagueja numa língua, mas um pensador que faz gaguejar toda a linguagem, e que faz da gagueira o traço do próprio pensamento enquanto linguagem. [...] Gago, amigo, juiz não perdem sua existência concreta, ao contrário, assumem uma nova existência, como condições interiores do pensamento para seu exercício real, com tal ou tal personagem conceitual. Não são dois amigos que se exercem em pensar, é o pensamento que exige que o pensador seja um amigo, para que o pensamento seja partilhado em si mesmo e possa se exercer. É o pensamento mesmo que exige esta partilha de pensamento entre amigos (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 84-85).

Mas para além de uma personificação concreta, uma terceira pessoa, ou fontes já postas à nossa espera, entendemos com Andrade, Caldas e Alves (2019) que podemos criar nossos intercessores de acordo com as temáticas que escolhemos. E assim as imagens, narrativas, sons ou artefatos culturais ou digitais podem se configurar como nossos personagens conceituais ao movimentarem nossos pensamentos e ideias em direção à criação de ‘conhecimentossignificações’ possíveis e variados, e formular novos modos de ‘fazerpensar’ as pesquisas que desenvolvemos com os cotidianos.

Imagem 15 – Paulo Freire



Fonte: @artivistha.

“Isadora não entende nada” é a assinatura e nome da página do Instagram da escritora, desenhista e tatuadora Laís Brandelli (@isadoranaoentendenada). Uma mulher que encontrou na poesia e nas ilustrações a cura de um transtorno de ansiedade generalizada. Suas

composições se encaixam perfeitamente em minhas ideias e, por isso, ela aparecerá algumas vezes por aqui.

André Machado de Azevedo é um querido amigo, sonhador e professor de Geografia da rede pública da cidade do Rio de Janeiro. Trabalhamos juntos por quase cinco anos e meio em uma escola do bairro de Guaratiba, na zona oeste do Rio de Janeiro. Um nato contador de histórias engraçadas. Sua paixão pela poesia o levou à escrita de inúmeros contos; muitos premiados; e de um livro chamado *Dane-se o impossível*. Ele também habitará algumas destas páginas. A imagem anterior a esse capítulo é dele.

A artista multipotencial, arquiteta e urbanista especializada em marketing e mídias digitais, Thais Andrade, também me ajudará a compor as páginas desta pesquisa com suas imagens no estilo de xilogravuras. Por considerar a arte como ferramenta de transformação social, sua página no Instagram (@artivistha) é recheada de muita política em forma de desenhos e frases – em sua grande maioria em preto e branco.

A página do Instagram “Caixa de Saída” (@caixadesaída) foi criada por Cristina Rioto, que possui um formato inspirado em layouts de e-mails, assim como os cartões manuscritos e dos sentimentos cotidianos divulgados por “Um Cartão” (@umcartao) e os cartazes coloridos da “Papel Mulher” (@papel.mulher). Trata-se de uma coletiva feminista que lambe as ruas com poesias de mulheres, que também fazem parte desse apanhado de cores, formas e sensibilidade reunidas ao longo deste trabalho.

Além de todas essas imagens digitais trazidas para cá pelas emoções em mim disparadas, as fotografias das criações ‘*docentesdiscentes*’, que são registros de instantes e acontecimentos curriculares possibilitadas pelos encontros, narrativas e fabulações, impulsionam essa pesquisa para pensarmos juntos acerca das funções e dos papéis das artes e das imagens nos currículos ‘*praticadospensados*’ nos tantos ‘*dentrofora*’ das escolas, nas redes educativas em que nos formamos e ajudamos a formar, nos cotidianos, na transposição das barreiras disciplinares, na criação de novas formas de se relacionar com o mundo.

São registros ético, estético, político e poéticos que pulsam em minha existência o ‘*fazerpensar*’ docente diariamente em defesa de uma educação pública de qualidade para todas e todos. São acontecimentos e “atos de produção de currículos para além das determinações e fixações político-institucionais” (SOARES; PAIVA; NOLASCO-SILVA; 2017, p. 43), tecidos em redes. Que as nossas lutas se juntem nessa profusão de imagens e sentimentos colocados nestas páginas e que possamos caminhar juntas pelos surpreendentes ‘*espaçostempos*’ das escolas e das salas de aulas.

Figura 16 – Surpresas cotidianas

ÀS VEZES,
PODE SER,
UMA DECLARAÇÃO,
UMA PALAVRA,
UMA MÚSICA,
UM OLHAR,
UM SORRISO,
UM CARTÃO
OU ALGUMA OUTRA COISA
QUE VOCÊ JURA
QUE NÃO VAI FAZER
NENHUMA DIFERENÇA
E TUDO MUDA
PRA SEMPRE

151

Fonte: @umcartao.

2 A PANDEMIA CHEGOU!

– Sabe remar? – indagou a Ovelha, entregando-lhe um par de agulhas de tricô enquanto falava.

– Sim, um pouco...mas não em terra...e não com agulhas... – Alice estava começando a dizer, quando, de repente, as agulhas se transformaram em remos em suas mãos, e descobriu que estavam em um pequeno barco, deslizando entre as margens. Assim, não havia mais nada a fazer a não ser remar o melhor que podia
(CARROLL, 2019, p. 79).

Assim como Alice, tivemos que aprender a remar na marra com a chegada da pandemia de Covid-19 em março de 2020. Sem nenhum treinamento, direção ou instrução, de um dia para o outro, fomos obrigados a nos aventurar por caminhos tortuosos e desconhecidos que, com o passar do tempo, se mostraram atraentes, interessantes e potentes. Não tínhamos mais nada a fazer a não ser ressignificar nossas práticas, trajetos e redes pelas quais nos formamos e somos formadas.

O isolamento social se tornou necessário. Nos afastamos presencialmente das ruas, das famílias, das diversões ao ar livre, das rotinas. Como numa trama de fios multicoloridos, os espaços públicos e privados se conectaram e invadiram os nossos lares com estudo, trabalho, diversão e acontecimentos inesperados. O uso dos artefatos tecnológicos nos propiciou esse passeio entre as obrigações e os prazeres, experimentado nas plataformas digitais. Nos fez corrigir a miopia que muitas vezes distanciava docentes e discentes, ação e passividade, necessidade e encanto, arte e futilidade. Nos acostumamos a usar as janelas – reais e virtuais – para tentar respirar um pouco em meio ao caos.

Enquanto o mundo físico buscava novas formas de desacelerar a circulação das pessoas e do vírus – que procurava meios de se adaptar –, o mundo virtual nos bombardeava cada vez mais de sons e imagens que invadiam as nossas casas, olhos, mentes e ouvidos sem a gente esperar ou sequer planejar.

Nossos sentidos e sentimentos ficaram muito mais sensíveis e atentos a tudo o que aconteceu e ainda acontece ao nosso redor. Muitas e novas demandas nos foram impostas e tivemos que aprender hábitos que não nos eram comuns. A profissão, o estudo e a diversão duelaram nos diversos e múltiplos ‘*espaçostempos*’ cotidianos. Foi preciso (re)organizá-los. Tudo passou a ser mediado e divulgado pelas mídias digitais, que se tornaram nossa maior fonte de informação, trabalho, pesquisa, distração – tudo ao mesmo tempo –, muitas vezes.

Imagem 17 – Medo, distanciamento, proteção



Fonte: semana.com.

Em nossos retângulos, nos conectamos com outras vidas, outras redes. Um cenário novo nos era apresentado a cada encontro. Nossa atenção se direcionava ou se dispersava de acordo com as formas, cores, ambientes e vozes que nos eram oferecidos. Latidos de cachorros, barulhos de crianças, obras dos vizinhos, anúncios de vendas que passavam pelas ruas. Experimentamos outras texturas sonoras, imagéticas, rompendo com os padrões assépticos das produções midiáticas. Como numa exposição de arte ou na apreciação de um filme, ‘*vimosouvimosentimospensamos*’ aquela tela sonora e multicolorida de pessoas, livros, móveis e objetos, que inspiravam outras narrativas, para além daqueles momentos ali criados.

Entramos sem pedir licença nas casas dos estudantes, nas inúmeras lives do YouTube e do Instagram, nas visitas virtuais a museus e centros culturais, em palestras e congressos de outros estados e até países. Passamos a ser consumidores e “fazedores” (MARTINS, 2019) de produções audiovisuais e sonoras nessas horas sem fim de isolamento social.

Alves, Caldas e Romanholli (2022, p. 202) nos chamam atenção de que:

Com a pandemia da covid-19 e o isolamento decretado, a invisibilidade das relações cotidianas precisou migrar e o online foi ocupado. Certas invisibilidades desapareceram e a possibilidade de estar “dentro de casa” de docentes e de estudantes, trouxe a necessidade de trocas maiores entre as possibilidades dessas visibilidades e a necessidade de ações comuns. Entendemos, juntos – docentes, discentes e seus responsáveis – que esses “usos” e relações permitiram, por exemplo, por um lado, mostrar como não são verdadeiras ideias preconcebidas do tipo: “os professores não querem saber do computador” ou “os professores não usam as tecnologias que as secretarias (“o governo”) colocam à disposição nas escolas”. Permitiram compreender, por outro lado, a necessidade de ações conjuntas de todos os *‘praticantes-pensantes’* dos processos curriculares.

Depois de nossas vidas serem migradas tão rapidamente e bruscamente para o virtual, passamos a viver experiências inéditas e diversas com as aulas, com a escrita, com as artes, as amizades, amores e desafetos, com as causas sociais e políticas, com as memórias e com os cotidianos. Transformações imediatas e em série nos mostraram que outras formas de viver e de se relacionar com o mundo mudariam completamente as práticas *‘docentesdiscentes’* e os usos dos artefatos culturais e digitais em redes.

A noção de tempo ficou suspensa. Tudo o que *‘aprendemosensinamos’* nos tantos *‘espaçostempos’* escolares precisou ser ressignificado de um dia para o outro. Incrivelmente, em poucas horas tivemos que planejar, criar e aprender a editar, publicar e compartilhar conteúdos e videoaulas em plataformas, aplicativos e “encontros remotos tecnologicamente mediados” (NOLASCO-SILVA; LO BIANCO, 2022, p. 99).

Também fizemos de nossas casas as nossas salas de aulas e locais de trabalho. Suspendemos o céu (KRENAK, 2020, p. 32) e usamos a nossa capacidade criativa para construir paraquedas coloridos (2020, p. 30) e não despencar ainda mais sob os discursos que tentaram nos homogeneizar a todo momento. Utilizamos *‘prácticasteorias’* ilimitadas ao tecer novas redes educativas em que formamos e somos formadas (ALVES, 2019). Estivemos em múltiplas dimensões e revisitamos alguns encontros depois que eles se esvaziavam. Os *‘espaçostempos’* *‘praticadospensados’* trouxeram inquietações e evidenciaram outras potências de criação.

Neste processo, “existimos em uma monstruosa floresta de gestos” (NETTO, 2016, p. 31), onde o individual e o coletivo existiram na instabilidade de um sinal de internet ou em um ambiente virtual. Onde espaço e tempo precisaram ser negociados e reconciliados a todo momento. Deglutimos as práticas docentes de ontem para criar novas maneiras de se relacionar com o mundo e com os discentes de hoje. Recriamos currículos. (Re)existimos nas entrelinhas das surpresas, do inesperado. Traçamos linhas de fuga em meio à desordem e às tantas injustiças vividas junto à pandemia.

Os celulares, smartphones e câmeras fotográficas, recursos tecnológicos associados à diversão e à proibição de seu uso dentro das salas de aulas, tiveram que ser adaptados às práticas curriculares imediatamente. Agora eles se tornaram nossos principais recursos de *‘aprendizagemensino’* e ligação com os estudantes e seus responsáveis. Aumentamos a velocidade dos dados de internet, distribuímos roteadores de sinal de wi-fi pela casa, baixamos aplicativos de captação e edição de vídeos e imagens, compramos headphones e microfones, *ring lights*, sobrecarregamos nossos aparelhos com tantos conteúdos armazenados, compartilhados e recebidos. Aparelhamos nossas vidas. Um *‘saberfazer’* docência nos foi

jogado na cara diariamente. Dá seu jeito! Fizemos “bricolagens tecnológicas”⁴ (NOLASCO-SILVA, 2019).

Em meio a isso, as artes e os artefatos culturais nos mostraram circulações necessárias, práticas e urgentes durante o caos social, econômico, político e sanitário proporcionado pelo período pandêmico. Artefatos estes que se apresentaram como narrativas, trocas, criações, autorias e fruições coletivas ‘*dentrofora*’ das escolas, tecendo novos ‘*conhecimentossignificações*’ curriculares. Sempre em movimentos e em articulação umas com as outras, nossas redes ganharam novas configurações e entrelaçamentos. Assumimos outras poéticas cotidianas. Forjamos novas formas de perceber o mundo. Criamos “novas presencialidades” (NOLASCO-SILVA; LO BIANCO, 2022, p. 65)

Com isso, outras e novas relações dialógicas, éticas, estéticas, políticas, poéticas e sensíveis foram possibilitadas ainda mais por filmes, músicas, ilustrações, animações, gravuras, livros infantis, podcasts, memes e tantos outros artefatos que sacudiram as bases disciplinantes e disciplinares dos saberes compartimentados em disciplinas. Alves *et al.* (2021) já nos chamavam atenção para a manipulação destes artefatos culturais ao afirmarem que:

Com tudo isso, experienciando com maior intensidade, o que já sabíamos: a partilha do sensível se movimenta pela necessidade das artes, que nos trazem possibilidades de relações mais humanas, agudizando nossos sentidos de comunidades: familiar, com as fotografias e as narrativas de histórias de “antes”; escolar, com buscas coletivas nas dificuldades de manipular artefatos que ignorávamos, que nos foram trazendo, músicas e mostras de artes visuais, permitindo experiências éticas, estéticas e políticas (ALVES *et al.*, 2021, p. 160).

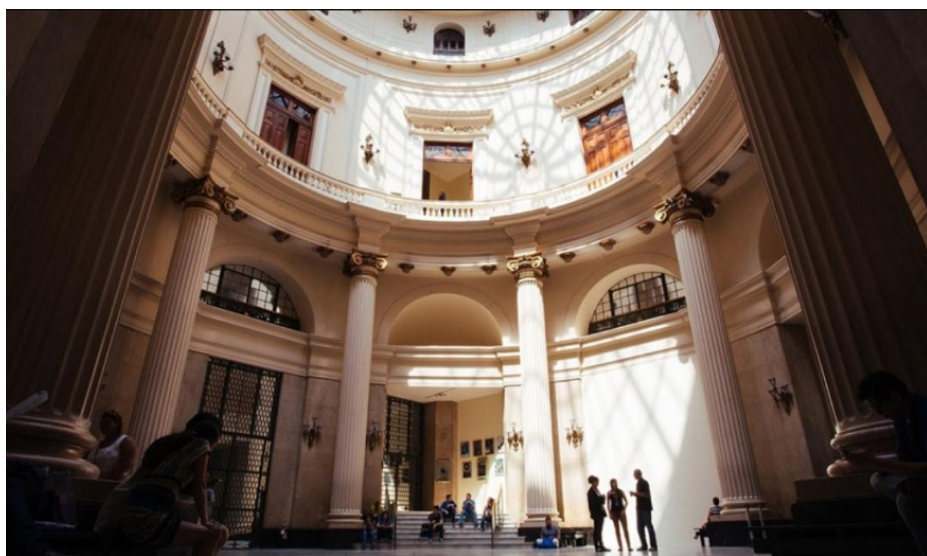
Numa bela ocasião, com dia e hora marcados e junto com um grupo de amigos, fomos conduzidos, coletivamente, através uma plataforma de videoconferências; por uma exposição de arte em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil, localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, denominada “Nise da Silveira⁵: a revolução pelo afeto”. Mas, ao invés da conversa e da visita se iniciar já na galeria interna, o mediador nos conduziu por fotografias que mostravam a fachada externa do prédio do CCBB e a entrada principal com sua belíssima rotunda, como

⁴ O termo “bricolagem” geralmente é associado a um fazer não especializado, em que o próprio consumidor é o responsável pelo trabalho realizado. A bricolagem, nesse sentido empregado por Nolasco-Silva, é uma ressignificação de materiais e uma atualização de rituais, tudo isso em conjunto, num *fazer com* as memórias físicas ou simbólicas.

⁵ Mulher, alagoana, psiquiatra, cientista e revolucionária. Sua trajetória foi marcada por muita luta, resistência e subversão de padrões. Como única mulher ingressante na Faculdade de Medicina da Bahia, entre 157 homens, Nise, no decorrer de sua caminhada profissional, revolucionou a saúde mental usando o afeto como metodologia, humanizando os tratamentos de pessoas em sofrimento psíquico.

se estivéssemos chegando presencialmente naquele local para aquele encontro. Ali eu me arrepiei. Meu corpo parecia estar naquele território de que eu tanto sentia saudades.

Imagens 18 e 19 – Fachada e rotunda do Centro Cultural Banco do Brasil RJ



Fonte: cbb.com.br.

Naquele momento, virtual e real se confundiram lindamente num resgate de memórias, afecções, cheiros, sons e gostos que aquele espaço já tinha nos proporcionado inúmeras vezes anteriormente. Era o “espaço de um não lugar” que se movia e nos movimentava “com a sutileza de um mundo cibernético” (CERTEAU, 2019).

Fomos sutilmente tocados por aquele encontro com os signos arquitetônicos e artísticos daquele Centro Cultural. Fomos afetados pelas inúmeras imagens e tantas narrativas tecidas naquele encontro. Viajamos pelo tempo e pelas ondas da internet nas trajetórias de vida, resistência e subversão de Nise da Silveira. Fomos impulsionados a pensar em nós mesmos e

nas definições de loucura. Conversamos sobre “normalidade”, limitação de corpos perigosos aos sistemas vigentes; principalmente femininos e subalternizados; padrão e afastamento social, anulamentos, submissões impostas pelo patriarcado, violências, opressões, humanidade, arte, sobrevivência e cura. Uma experiência visual, sonora, estética, ética, política e poética que entrelaçou diferentes redes educativas e gerou ‘*conhecimentossignificações*’ surpreendentes.

Imagens 20 e 21 – Imagens da exposição “Nise da Silveira: a revolução pelo afeto”

Nise da Silveira



“

[...] Eu não sou uma senhora filantrópica, de jeito nenhum, eu sou uma pessoa curiosa do abismo, embora tenha consciência de que o abismo é tão profundo que eu apenas passo nas bordas. Então eu pensei em utilizar as atividades como meio de expressão da problemática interna dos doentes.

”

- NISE DA SILVEIRA

NORMALIDADE & LOUCURA

“TUAS FORÇAS NATURAIS, AS QUE ESTÃO DENTRO DE TI, SERÃO AS QUE CURARÃO SUAS DOENÇAS.”

- HIPÓCRATES

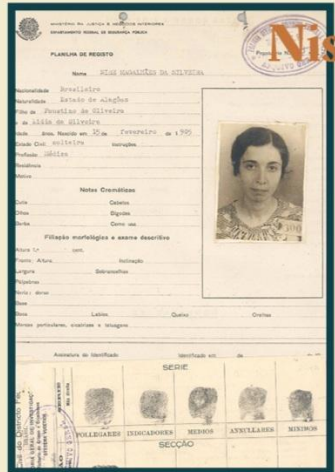


“No fundo, não descobrimos na pessoa com transtorno mental nada de novo ou desconhecido: encontramos nele a base de nossa própria natureza.”

- CARL JUNG



Nise, ser mulher, ser Revolucionária.



“ Desde muito cedo me interessei pelo lado marginal, tanto que meu grande herói era Zumbi dos Palmares. Acho que por isso foi fácil, para mim, a adaptação com os loucos. ”

- NISE DA SILVEIRA

Nise da Silveira nasceu em Maceió, no dia 15 de fevereiro de 1905. Filha única, o pai era professor de matemática e jornalista. A mãe, pianista. Numa casa repleta de música e afeto, frequentada por gente de imprensa, estrangeiros e artistas, estudar era uma festa.

Do Liceu alagoano, Nise foi para a Faculdade da Bahia, em Salvador, onde ingressou no curso de medicina aos 15 anos. Casou-se com seu primo Mário Magalhães, que viria a ser um dos grandes médicos sanitaristas do Brasil. Mesmo muito jovem, e vivendo numa época conservadora, Nise já trazia em si as sementes de sua postura revolucionária:



A REVOLUÇÃO SERÁ FEMINISTA, OU NÃO SERÁ.

- ROSA LUXEMBURGO (1914)



Fonte: cccb.com.br.

Como numa paisagem onírica ou em alguma cena de Alice, aquela do País das Maravilhas, aquele ‘*espaçotempo*’ de ‘*aprendizagemensino*’ não formal e virtual nos deixou com “mania de liberdade”, como dizia Nise. Liberdade de sonhar com dias mais alegres, leves,

afetuosos e livres de preconceitos, dogmas e dicotomias alienantes. Onde possamos *verouvirsentirpensarfalar* e questionar sem julgamentos.

Ao recordar este evento que me emocionou e me fez viajar por inúmeros fragmentos de mim mesma, trago Didi-Huberman (2013, p. 204) para nos mostrar que

não estamos *diante* das imagens pintadas ou esculpidas como estamos diante das, ou melhor, *nas* imagens visuais de nossos sonhos. Uma se dão enquanto objetos tangíveis; são manipuláveis, suscetíveis de coleções, de classificações ou de conservação. As outras logo desaparecem enquanto objetos definidos e se fundem aos poucos para se tornarem simples momentos – ininteligíveis momentos – de nós mesmos, vestígios de nossos destinos, fragmentos inclassificáveis de nossos seres “subjetivos”.

Apesar de não estarmos realmente sonhando aos nos depararmos com a vida e as relações afetivas que Nise da Silveira e seus pacientes transformaram em arte, naquele instante, ousamos esperar e sonhar com mais momentos que mudassem os nossos destinos e juntassem os nossos caquinhos espalhados pela pandemia.

Quando a vista à exposição terminou, despencamos novamente na realidade. Entre os nossos passeios virtuais estavam as exclusões, os privilégios, as relações de poder e o acesso ao direito à cultura e à educação, que para muitos foi negado. Estavam os únicos celulares que precisavam ser negociados entre muitas pessoas de uma mesma família. Estavam as cobranças e os conteúdos que, muitas vezes, não chegaram aos seus destinatários.

Além disso tudo, também estavam a preocupação e o medo. Medo do contágio, das perdas, de não dar conta do que estava sendo solicitado em tempo integral. Pressão, prazos, cobranças, stress, reuniões infinitas. Perdemos o controle das horas, a paciência. Cansamos, adoecemos. Adoei fisicamente e emocionalmente.

Passamos (aos trancos e barrancos) pela pandemia com um governo negacionista, fascista e genocida. O presidente em exercício negou o vírus, o contágio, os sintomas, os tratamentos adequados, as vacinas e o tempo de serviço dos profissionais da educação. Menosprezou a ciência e as milhares de vidas perdidas para o vírus. Houve tentativa de superfaturamento de vacinas, demora na imunização da população, remédios ineficazes usados como solução imediata. Teve dor! Muita dor, luto e sofrimento.

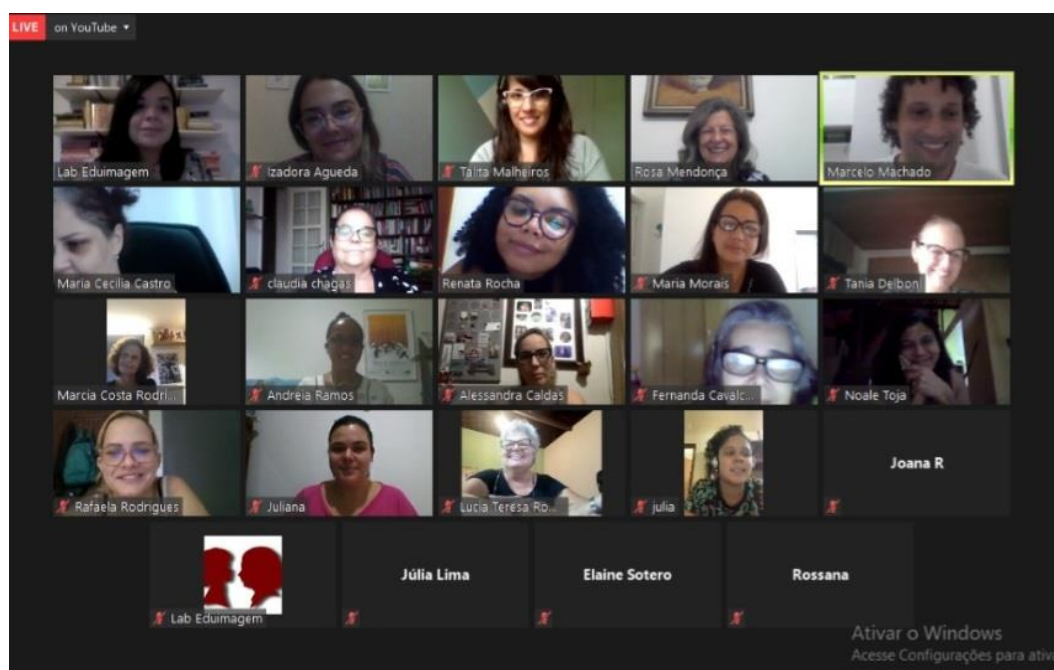
Mas também teve luta! Resistência, pressão, cobranças e perseverança em meio à desordem e ao retrocesso que vivenciamos nesse desgoverno.

E nesse meio tempo de incertezas com o presente e com o futuro, avistei, por acaso, em minhas andanças pelas páginas da internet, o processo de seleção para o mestrado no Programa Pós-Graduação em educação da UERJ. Apostei minhas últimas fichas e forças na realização de

um antigo sonho, que eu cultivava desde a saída da graduação, em 2004. Duas semanas foi o tempo que tive para escrever um plano de trabalho, escolher uma orientadora, juntar toda a documentação e fazer a inscrição.

Passei por todas as etapas da seleção com muita alegria e confiança na entrada no Programa. Era apenas uma vaga. Cheguei até a entrevista emocionada. Chorei durante a conversa. Geralmente me deixo transbordar pelos afetos. Veio o resultado...

Imagens 22 e 23 – Encontros



Fonte: Acervo pessoal.

E aqui estou. Entre docentes e pesquisadores atentos ao que os cotidianos têm de melhor a nos oferecer. E são muitas as suas belezuras. Com este grupo de pesquisa, aprendi a mudar a direção dos sentidos, e não somente do olhar. Compreendi que a gente só resiste criando. E é a partir das criações que os pensamentos e as táticas se movimentam em direção ao inesperado. Surpresas acontecem. Histórias aparecem. Laços se formam.

E entre idas e vindas pelas linhas deste texto, pelas páginas de alguns livros que me cercam e por alguns marcadores de páginas coloridos, escrevo este parágrafo, ainda emocionada, um dia após a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Depois de tantos dias de angústia e sofrimento, o dia nasceu feliz! Permito-me deixar este momento aqui registrado como um respiro de alívio após os últimos quatro anos de desmonte dos projetos sociais, dos direitos trabalhistas, das universidades, da ciência, da educação, do respeito ao próximo, da fé.

No dia 30 de outubro de 2022, a democracia venceu. Nós vencemos! Hoje, voltamos a esperar por um país melhor para as nossas crianças, para aqueles que passam fome, para os que não têm emprego e para aqueles que sempre são os alvos das exclusões, pois sabemos que esse país é possível existir. Foi difícil parar de chorar de alegria!

Que a violência e as desigualdades diminuam. Que a justiça e a verdade prevaleçam sempre. Que as vidas sejam respeitadas e preservadas. E que possamos ser verdadeiramente felizes novamente!

Imagem 24 – Nós somos resistência



Fonte: Pinterest.com.

3 O ESTALAR DAS IDEIAS

O que me surpreende, em nossa sociedade, é que a arte se relacione apenas com objetos e não com indivíduos ou a vida; e que também seja um domínio especializado, um domínio de peritos, que são os artistas. Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não?

(FOUCAULT, 1995, p. 261 *apud* FERRAÇO; GOMES; 2020, p. 162)

- Maio de 2021. Era o meu terceiro mês como mestrande no ProPEd (Programa de Pós-Graduação em Educação) UERJ, em meio à pandemia de Covid-19 e de forma remota. Em um encontro do nosso grupo de pesquisa “Currículos Cotidianos: redes educativas, imagens e sons”, recebemos a visita da professora Alice Martins, da Universidade Federal de Goiás, para uma conversa acerca de “Outros fazedores de cinema”. Borda, centro, periferia, polarização, qualidades, potencialidades, circunstâncias, mercados, originalidade, reprodução, coletividade... E assim sua fala se desenrolou a partir de um desconforto acerca de uma aula de estética e história da arte anos atrás... e que, a partir disso, como ela vem rascunhando a ideia de poética da solidariedade como estratégia de sobrevivência. As casinhas conjugadas e coloridas de Aveiro, em Portugal, ilustraram lindamente a sua apresentação.

Imagem 25 – Poética da Solidariedade



Fonte: Casas de Aveiro Portugal – Bing Images.

- Pensando acerca dos movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos e nos estudos desenvolvidos a partir deles, pensei e me questionei: é possível poetizar a ciência?

Observar as poéticas com os cotidianos através das artes e caminhar pelas linhas de fuga que elas nos oferecem? Linhas de fuga como táticas de resistência e de relação com o outro, como ‘prácticasteorias’ que envolvam o sensível, os signos, os processos de criação e cocriação atrelados às questões éticas, estéticas e políticas, superando as polaridades, o lógico, o hegemônico e caminhando entre os fluxos desviantes das imposições... Acho que professora Nilda embarcou na minha viagem...

Trago este episódio como uma memória latente, que talvez tenha sido um dos pontos de partida desta pesquisa. Muitos outros pontos (e linhas) também me atravessaram e continuam a me costurar. Mas pensar acerca dos cotidianos, das artes, das narrativas e dos encontros como possibilitadores e mobilizadores de existências, dos pensamentos, das escolas, das redes educativas – da vida – foi o que me moveu nessa trajetória.

Somos fruto de uma colonialidade estruturante que, por vezes, ainda nos faz invalidar as diferenças, reprimir os desejos, homogeneizar as ideias e controlar os corpos. As linhas de fuga e as ações que vão de encontro ao que nos está hegemonicamente imposto se configuram como compromissos éticos, estéticos e políticos de *‘aprenderensinar’* e *‘fazerpensar’* a nossa prática docente. Então, como despertar em nossos estudantes novos modos de *‘verouvirsentirpensar’* o mundo e com ele se relacionar de forma mais colorida, curiosa, leve e criativa? Como as artes podem contribuir para esse encontro com o novo, que rasga as barreiras disciplinares e disciplinantes, que escapa às normas e burocracias por vezes descabidas?

Sendo o aprender um acontecimento, ele demanda presença, demanda que o aprendiz nele se coloque por inteiro. E exige relação com o outro. Entrar em contato, em sintonia com os signos é relacionar-se, deixar-se afetar por eles, na mesma medida em que os afeta e produz outras afecções. (GALLO, 2012, p.6)

Pocahy (2013, p. 58) nos alerta que

talvez nos falte pensar mais a respeito da ética (no sentido da relação com a liberdade), da estética (a construção das formas, expressões e do contorno da existência) e das políticas (como jogos sensíveis ou dramáticos sobre as disputas nas formas de governar e viver em sociedade).

E vou além: precisamos também pensar e estarmos atentos às dimensões poéticas inerentes aos cotidianos, sejam eles escolares ou não. Poéticas como potência, afetações, como *‘verouvirsentirpensar’* o que se encontra nas entrelinhas das certezas e das generalizações. Como transposições de regras incabíveis à vida e à atenção aos entremeios. Que se afastam do

centro, do alvo, e que margeiam o inesperado, as surpresas, as criações e que fogem de toda e qualquer regulação.

Poéticas como relações e encontros entre territórios distintos e *'saberesfazeres'* diversos, mas que se complementam em processos de subjetivações e, talvez, não planejados de antemão. Poéticas como resistências e “fluxos desejantes libertários” (GALLO, 2009, p. 34) de novas ações coletivas, cotidianas.

Imagem 26 – Onde estão os poemas cotidianos?



Fonte: @caixadesaida.

Pesquisar com os cotidianos é pisar em “territórios movediços” (SOARES, 2010, p. 57) que fazem de nossas existências experiências singulares nas práticas sociais coletivas. É lidar com a banalidade da vida comum, com as rotinas e hábitos, e perceber que, mergulhados com todos os sentidos em suas complexidades, a vida pulsa, se transforma e abre possibilidades de criações e “agenciamentos” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 18) múltiplos, encontros inusitados, conexões intensas, evasões, rupturas e combinações que desviam da obviedade. É

uma escolha política que coloca em xeque as hierarquias, as hegemonias, a lógica, as teorias prontas, o homogêneo, o ideal.

É estar atento aos movimentos, desterritorializações, processos de reterritorializações, linhas de fuga e circulações de intensidades (DELEUZE; GUATTARI, 2011) que empurram e fazem escoar as verdades fixas e as certezas para cada vez mais longe dos currículos engessados, excludentes. As artes são potentes nesses caminharas em outras direções e em fazer morada em lugares e paisagens nunca antes visitadas ou experimentadas.

Pesquisar com imagens, com as artes e com as criações conjuntas, as quais eu chamo de “criações *‘docentesdiscentes’*”, é se lançar numa aventura onde as previsões são fissuradas pelas incertezas. É deixar vazar a linearidade e se encantar com as surpresas. É fazer *‘corpomente’* viajarem e serem afetados pelas imagens e com elas criar *‘conhecimentossignificações’* que não desejem somente cumprir um currículo ordenado, mas que se liguem aos movimentos das vidas, dos cotidianos. E por estes motivos, concordo com Nolasco-Silva (2019, p. 95) quando ele nos diz que:

O cotidiano escolar, contudo, não se conforma aos textos escritos. Nele, resistências e invencionices *docentesdiscentes* saltitam, dançam, fazem a festa e fazem o mundo, produzem um mundo mais agradável e mais acolhedor. Se a agenda social pauta o professor como um representante sacerdotal superior – produzido e propagado por elites da sociedade – o chão das escolas nos mostra que agenda é tecnologia pessoal, afeita de customizações, com espaço de sobra para escrever histórias variadas.

Aqui, nesse texto, como nas salas de aula em que atuo, as imagens servem como provocação, como artefatos sensoriais que se transformam em artefatos curriculares, que não se deixam domar pela escrita e que conversam conosco a partir de nossas redes. Imagens que se apresentam como personagens conceituais desta pesquisa, de meu *‘fazerpensar’* pedagógico, e que nos levam a *‘verouvirsentirpensarcriar’*. Mas que também fluem, se espalham, atravessam estruturas e se conectam com formas diversas de existências. Rizoma.

Para Deleuze e Guattari (2011, p. 28):

Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com *n* dimensões, com direções rompidas. Conjugam os fluxos desterritorializados. Seguir as plantas: começar por se fixar os limites de uma primeira linha segundo círculos de convergência ao redor de singularidades sucessivas; depois, observando-se, no interior desta linha, novos círculos de convergência se estabelecem com novos pontos situados fora dos limites e em outras direções.

Dessa forma, ao conceber as imagens como “máquinas de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 2012) do *‘corpomente’*, irredutíveis aos aparelhos de Estado, essa pesquisa tece entrelaçamentos com o projeto “Currículos *praticadospensados* nos cotidianos – criações curriculares para além da estrutura em disciplinas”, coordenado por Nilda Alves e já em andamento no GrPesq “Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons”. Com apoio do CNPq, CAPES, FAPERJ e UERJ, tal projeto, que tem vigência entre 2022 e 2027, questiona como os problemas sócio-históricos-antropológicos contemporâneos entram nas escolas e se desenvolvem independentemente das divisões disciplinares.

Ao problematizar a estrutura dos currículos em disciplinas como única organização possível das ações docentes e indicar que outras possibilidades de articulações curriculares já vêm sendo pensadas e implementadas por pesquisadoras/pesquisadores, o projeto-mãe, assim como este projeto de pesquisa, se articula em torno das redes educativas e das múltiplas relações entre os tantos *‘dentrofora’* das escolas, no *‘fazerpensar’* currículos com artes e imagens, e nas conversas e narrativas como lócus central das pesquisas. Tais questões ficaram mais latentes com o período pandêmico da Covid 19, no qual os usos dos artefatos culturais e audiovisuais foram ainda mais ampliados para além dos limites disciplinares, criando ações curriculares variadas, inéditas e divertidas. Currículos-desobediências, currículos-arteiros que deslizaram pelas brechas e desaguaram em cores, travessuras e criações.

Experientiamos, segundo Alves *et al.* (2021, p. 160),

[...] com maior intensidade, o que já sabíamos: a partilha do sensível se movimenta pela necessidade das artes, que nos trazem possibilidades de relações mais humanas, agudizando nossos sentidos de comunidades: familiar, com as fotografias e as narrativas de histórias de “antes”; escolar, com buscas coletivas nas dificuldades de manipular artefatos que ignorávamos, que nos foram trazendo, músicas e mostras de artes visuais, permitindo experiências éticas, estéticas e políticas.

Nesse sentido, penso no que podem as artes, as imagens nos tantos *‘dentrofora’* das escolas, inclusive no período pandêmico (2020-2021), onde nossos corpos se afastaram fisicamente uns dos outros e também das estruturas das salas de aulas. Que currículos são *‘praticadospensados’* ao usarmos e criarmos com as imagens? Que outras imagens aparecem nos encontros *‘docentesdiscentes’* independentemente das divisões em disciplinas? Seriam elas também narrativas singulares e coletivas de outras existências possíveis?

Aposto na potência dos encontros como uma rede vibrante de afetos e criação. Assim como sinto as escolas como *‘espaçostempos’* de vidas e ações que não se podem controlar,

apesar de nossas insistências por este controle. De composição de novas paisagens a cada vez que pisamos nas salas de aulas.

Conversei com Certeau, Deleuze, Guattari, Pallasmaa, Gallo, Soares, Ferraço, Alves, bem como com outros autores que com eles trabalham nas pesquisas com os cotidianos, para dialogar melhor acerca das imagens, das artes, dos movimentos da educação básica e de experiências curriculares contemporâneas. E afirmo também, com total certeza, que esta é uma pesquisa conjunta com os integrantes do nosso grupo de pesquisa, pois, sem eles, suas redes, suas orientações, dicas, brincadeiras e estudos, nada disso teria sido pensado, sentido e criado.



NÃO É NATURAL
ESPERAR QUE AS COISAS
MUDEM FAZENDO
TUDO SEMPRE IGUAL

ISADORA NÃO ENTENDE NADA

4 POR ONDE ANDEI ...

4.1 Não trago respostas prontas

É fundamental partirmos de pedras miúdas se quisermos falar – caminhando – acerca do caminho. É prudente escutar e compreender, no comecinho dos dias, as vozes que enchem esses espaçostempos praticados de sons dissonantes, contando histórias outras, nem sempre convertidas em palavras nos documentos oficiais. Entre o que as instituições dizem e o que os docentes vivem há uma distância capaz de fazer correr entre as margens um rio largo de águas turvas, do qual só saberemos algo (jamais tudo) se mergulharmos sem medo de nos molhar. A sensação de afogamento também faz parte dessa aventura, mas a gente aprende a nadar e a boiar para contemplar a paisagem.

(NOLASCO-SILVA; LO BIANCO, 2022, p. 20)

Como escrito anteriormente, as artes sempre foram meu amparo, refúgio e abrigo desde muito cedo. Mas o que são as artes? Questiono-me acerca disso todas as vezes em que penso em um currículo onde crianças de seis a dez anos possam se sentir protagonistas de um ‘*fazersentirpensarcriar*’ com elas. Pergunto-me o que podem as artes quando piso semanalmente em salas de aulas com muitos estudantes que nunca sequer entraram numa sala de cinema, mas que convivem diariamente com grafites, danças de rua, músicas populares, folguedos. Essas questões são as que me motivam diariamente a compartilhar com essas crianças que tudo aquilo que é pensado e criado pelo povo, pelos ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos, também é e pode vir a ser arte.

Por alguns anos, acreditei que deveria seguir por outros caminhos, mas as imagens, os sons e o constante desejo de criação me mostraram que esses laços não poderiam ser desfeitos assim tão facilmente. Não me reconheço separada das artes em nenhum momento. E, portanto, não as deixaria de lado em mais essa caminhada. Sendo assim, pesquisar com as artes nos cotidianos e currículos escolares foi o que motivou essa pesquisa.

Iniciei o processo de seleção para o mestrado com um plano de trabalho que, com o passar dos dias, das leituras e dos encontros, foi se esvaindo com o tempo. A princípio, a arte estava lá, as imagens estavam lá, o cinema estava lá, as salas de aula estavam lá. Mas senti necessidade de mudar o foco para me ‘achar’ na pesquisa. Mais uma vez, o inesperado jogou na minha cara que o ideal anula os tantos outros possíveis. As tantas outras experiências não planejadas e incríveis.

E nesse caminhar destemido – por vezes desconfiando se iria mesmo dar certo –, me predispus a mergulhar de cabeça nos movimentos caóticos dos cotidianos para buscar outras estéticas, políticas e poéticas de existir. Um mergulho criativo, contestador, baseado numa

atitude inconformada pela busca constante de uma ordem e de uma harmonia curricular inexistentes em nossas *‘prácticasteorias’* docentes.

Aliás, pesquisar com os cotidianos é uma escolha política. Esse texto é político! Minha prática docente é política. Valorizo o que os estudantes – cidadãos comuns – criam, falam, fazem, sentem, pensam, criam. Defendo uma educação pública de qualidade para todos.

Assim como Silva, Zouain e Fernandes (2022, p. 290) entendemos que:

Nos nossos movimentos de pesquisa, estamos em conexão e composição com a alegria que pulsa da vida das crianças, agenciando aos desejos coletivos de professoras e crianças para criar práticas políticas da alegria e da diferença em redes de multidão na educação pública. Acreditamos, como Gonzaguinha, “[...] na rapaziada que segue em frente e segura o rojão”. Apostamos na força da ação coletiva, que cria resistências ético-estético políticas às tentativas de modelização e padronização das docências, dos currículos e dos processos de aprendizagens. Por isso, estamos na luta, uma luta que se constitui com alegria e desejo de produzir mundos plurais, mundos que possam ser inventados com os desejos e as fabulações das infâncias.

Portanto, não apresento aqui as artes que se encaixam somente numa disciplina e que dizem respeito somente aos professores que são licenciados para falar, usar ou criar com elas. Não escrevo sobre as artes que estão guardadas ou expostas nos grandes museus, nas galerias ou salões nacionais e internacionais, ou em centros culturais espalhados pelo mundo. Nem sobre aquelas feitas por grandes artistas há muitos séculos, décadas ou anos atrás.

‘Vejoouçosintopenso’ o agora, a vida! Observei as poéticas com os cotidianos através das artes e percebi o quanto elas nos impulsionam para além das estruturas disciplinares e dos currículos normativos. Refiro-me às artes que circulam pelas redes, pelas ruas, muros, casas, chãos... Que se apresentam como crítica, como uma cutucada nas intolerâncias e preconceitos, como informação, frases, tirinhas e desenhos que estão à nossa volta, nos tantos *‘dentrofora’* das escolas e ao alcance de nossas mãos e sentidos.

Vale lembrar que somos marcadas pelas disciplinas escolares, acadêmicas. Fomos e ainda somos disciplinadas por elas, inclusive. E por isso, pensar para além delas ainda é um desafio para nós docentes e pesquisadoras. Isso não quer dizer que devemos deixar essa conversa de lado ou para outra hora. Pelo contrário, é urgente que falemos sobre essa fissura no campo do conhecimento, entendendo que as artes são potentes instrumentos de travessia dessas barreiras que também enrijecem os corpos e as mentes de nossos estudantes.

E assim Nolasco-Silva e Lo Bianco (2022, p. 20) nos indicam que

os cotidianos escolares, apesar da rigidez e da disciplina que tentam impor, são também *‘espaçostempos’* de expansão de vida, de diferenciação, de afirmação de

outros modos de existências, inclassificáveis, inomináveis. Neles, o poder – como relação de forças – estará sempre em disputa.

Logo, não trago respostas nem fórmulas prontas para nada. Bem como não apresento modelos únicos e preestabelecidos de *‘fazerpensar’* a docência e os currículos escolares. Somos singulares no modo de sentir, capturar ou filtrar o que os cotidianos nos oferecem. E é aí que residem as formas de pensar divergentes, as multiplicidades de ações criativas e os movimentos de resistência ao monitoramento de nossas práticas diárias.

Tento apenas mostrar e conversar acerca de algumas *‘prácticasteorias’* pedagógicas que desenvolvi nas escolas públicas municipais por onde passei e estou, que promoveram processos de subjetivações criativos, que escorregaram pelos planejamentos prévios e desviaram de algumas normas curriculares oficiais. Que existiram e resistiram *‘dentrofora’* dos *‘espaçostempos’* escolares. Corpos que foram afetados conjuntamente pelas artes e por elas foram conduzidos a outros belos e novos caminhos.

A isso chamo de criações *‘docentesdiscentes’*. Experiências éticas, estéticas, políticas e poéticas que nos atravessaram antes do período pandêmico. De forma presencial e também virtual. Imagens/criações singulares que mostraram escapes das uniformidades e apagamentos. E que me fizeram entender que nenhuma fala ou ação são neutras, ainda mais quando usamos as artes e os artefatos culturais como criadores de novos e diversos *‘conhecimentossignificações’*.

Assim como Nolasco-Silva e Reis (2021, p. 5):

Compreendemos que pesquisar com os cotidianos das redes educativas é, antes de qualquer coisa, um processo de autoformação e de criação temporária de versões de mundo. Em outras palavras, nossas pesquisas não pretendem narrar ou representar a realidade, mas problematizá-la, inventando-a a partir dos repertórios *‘prácticosteóricos’* das nossas redes. Tais redes – tecidas nas/com as múltiplas experiências que acumulamos ao longo da vida – são constantemente atualizadas nas conversas com os nossos interlocutores de pesquisa, de modo a produzirem – no encontro – novos *‘conhecimentossignificações’*. Então, quando escrevemos um texto, estamos nele – em cada linha, em cada respiração proposta pela pontuação e por outros sinais gráficos. O texto científico não comporta neutralidade, pois é feito de atravessamentos.

Portanto, ilustro algumas micropolíticas das relações cotidianas nas “linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1996) flexíveis, que escapam de situações opressoras e encontram nas criações e nas artes novas formas de se relacionar com o mundo. Outras configurações de redes, de vida. Deslocamentos. Apesar dos microfascismos que “colonizam nossos desejos e nossos pensamentos” (GALLO, 2009, p. 33), somos capazes de criar e propor novas ações

coletivas curriculares que possam ir na contramão dos “fundamentalismos pedagógicos de qualquer natureza”.

4.2 Artes, afetações, criações antes da pandemia de Covid-19

Nessa parte eu apresento algumas criações *‘docentesdiscentes’* antes do isolamento social determinado pela pandemia da Covid-19, mas que já refletiam a potência das dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas da educação. Achei importantes mostrá-las rapidamente aqui pois foram acontecimentos que sempre desviaram dos planejamentos prévios, mas que só fui entender com mais nitidez a partir desta pesquisa.

Mais uma aula de Artes se iniciava em 2019, em uma escola pública de rede municipal de educação da cidade do Rio de Janeiro, na zona Oeste. Seria o início de algumas conversas sobre Arte e Cultura Africana e Afro-brasileira.

Com uma imagem colorida e estilizada do continente africano projetada no quadro branco e movida por perguntas e brincadeiras, fiz o seguinte questionamento às crianças do 5º ano do primeiro segmento do ensino fundamental: - Quando a palavra “África” é dita, o que vem à mente de vocês?

Imagem 28 – Continente Africano



Fonte: Pinterest.com.

Tão logo algumas palavras começaram a ecoar em uma turma de quase quarenta alunos: fome, miséria, deserto, guerras, savana, desnutrição, cabelos crespos, pobreza, pessoas ruins. Tomei um susto! Em seguida, falei as minhas: luta, resistência, coragem, força, história, memória, cultura, identidade, ancestralidade, guerreiros, heróis, orgulho. Um silêncio se fez. Pontos de interrogação pareciam saltar daquelas cabecinhas.

Mas a minha cabeça era a que mais parecia ‘dar um nó’ naquele momento. O que estaria motivando a fala dessas crianças? A maioria negra, por sinal. Por que outras palavras não foram ditas? Quais vivências, experiências ou silenciamentos aquelas crianças estariam deixando revelar durante a aula? Estes foram alguns questionamentos que me atravessaram naquele momento.

Sendo o “exercício da palavra um prelúdio para toda a aprendizagem” (RANCIÈRE, 2020), era preciso escutá-los com atenção, e tentar compreender – ou não – que suas falas eram o resultado das múltiplas relações que se estabelecem ‘*dentrofora*’ (ALVES, 2019) das salas de aula, das múltiplas redes que os formaram até aquele momento.

Ali entendi que era preciso buscar outras táticas de ‘*fazerpensar*’ o currículo. Novos discursos, imagens, sons e histórias precisariam ser oferecidos àquelas crianças. E assim foi feito. A partir de então, e possibilitado pelos usos das artes e dos artefatos culturais – vídeos, desenhos, fotografias, animações, livros –, movimentos de (des)territorialização e ‘*conhecimentossignificações*’ (ALVES, 2019) outros foram criados ou recriados, passando a compor as ecologias daqueles pequenos ‘*praticantespensantes*’ dos cotidianos. Segundo Guattari (2012, p. 28):

Em cada foco existencial parcial as práxis ecológicas se esforçarão para detectar os vetores potenciais de subjetivação e de singularização. Em geral trata-se de algo que se coloca atravessado à ordem “normal” das coisas – uma repetição contrariante, um dado intensivo que apela outras intensidades a fim de compor outras configurações existenciais.

Os estudantes também experimentaram diferentes amarrações de turbantes – símbolo de identidade e resistência da cultura negra. Criaram desenhos utilizando o grafismo africano inspirado na tecelagem Adinkra. Conheceram as pinturas murais Ndebele, as máscaras rituais de alguns povos subsaarianos e a filosofia Ubuntu. Conversamos sobre racismo e “descobrimos” que não se trata de uma “simples brincadeirinha ou piada”, mas que se configura como um crime inafiançável e imprescritível, pois viola os direitos humanos e atenta contra a humanidade e a democracia, sujeito à pena de reclusão perante a lei.

Informações novas para muitos. Para outros, nem tanto. Olhos, corpos e sentidos atentos às imagens e palavras que ecoavam pelas salas de aula. Muitas dúvidas e questionamentos surgiram. E assim seguimos com as artes para tentar sanar a curiosidade daquelas crianças que ali se identificavam.

Imagem 29 – Pintura mural Ndebele



Fonte: Blogspot.com.

O resultado de todas as conversas, vivências, experiências e afecções que tivemos durante as aulas pode ser observado nas imagens a seguir. São criações sensíveis que somente fizeram sentido a partir de nossos encontros, narrativas e sentimentos proporcionados pelas artes. Confesso que não gosto de montar murais, mas as crianças adoram ver seus trabalhos expostos e sendo contemplados pela comunidade escolar. Então fazemos tudo juntos, a várias mãos e diversas organizações de espaços e composições. Assim fica mais divertido!

Desenha, pinta, recorta, cola, monta, desmonta. Alguns trabalhos entraram primeiro, outros foram chegando à medida que o mural foi sendo criado. E tudo bem! Cada um no seu tempo e no seu ritmo se fez presente naquele painel cheio de formas coloridas e sorrisos.

- *Está bom assim, crianças?* Pergunto.

- *Podemos colocar mais cores, tia! Pra ficar bem chamativo e todos olharem para os nossos desenhos.* Eles pedem.

E assim foi feito.

Imagens 30, 31 e 32 – Mural das crianças do 5º ano



Fonte: Acervo pessoal.

- Tia, sabia que eu sou do terreiro? Minha família toda é. Adoro o som dos tambores. Mas nunca me senti à vontade de falar sobre isso aqui na escola.

Uma estudante sussurrou bem baixinho em meu ouvido.

- Ah, é? Que legal! Então vou te contar um segredo: eu adoro o som dos tambores também. São contagiantes, né!?

- Nunca imaginei que a senhora gostasse disso!

Continuou ela, surpresa.

Nos conectamos com um sorriso e com a certeza de que, pelo menos naquele momento, algo a tinha deixado à vontade para falar de si, de suas escolhas, de suas preferências, de suas angústias. Das conversas tímidas tecidas ao pé dos ouvidos, que foram muitas, inclusive, ficam as marcas dos gestos que nos afetaram mutuamente.

Não sabemos ao certo como o outro *'aprendeensina'*. Não controlamos o que cada um *'vêouvesentepensa'* em contato com as artes e com os artefatos culturais. Somos singulares ao processar símbolos e signos diversos. Somos *'corposmentes'* curriculares capazes de sermos afetados *'dentrofora'* dos *'espaçostempos'* escolares e geralmente o resultado disso tudo aparece em conversas, narrativas e imagens.

Martins (2010, p. 227) já nos chamava atenção para o fato de que

toda criança cresce enquanto brinca com outras crianças, com os objetos, enquanto experimenta seu corpo, pesquisa o tempo, o espaço e as relações no meio sociocultural em que se encontra; enquanto se expressa através do gesto, do traço, da cor, do grito, do riso, do jogo, do canto, do sonho e da fantasia. Toda criança é lúdica em seu desejo por saber, descobrir, construir ... Toda criança é lúdica enquanto aprende a complexa teia de códigos, signos, significados dos caminhos que deve trilhar para tornar-se sujeito social, para estabelecer vínculos de pertencimento, identidades.

Emanuella, de dez anos, a autora do desenho a seguir, me colocou diante do inusitado e da surpresa. Numa criação sensorial e poética, a estudante me presenteou com esse desenho carregado de um *'fazersaber'* ético, estético e político, e repleto de simbologias, reconhecimento, autoafirmações e emancipação. Carregado de vozes. Que rasga todo e qualquer poder controlador e silenciador. Um *'corpomente'* afetado e atravessado pelas artes. Pude sentir seu afeto no momento em que colocou seu desenho em minhas mãos. Fiquei sem palavras por alguns longos segundos.

Reparem nas palavras escritas pela estudante nos cabelos da mulher negra. Negra como ela. Uma escrita ainda em processo de uma alfabetização formal, mas que deixa claramente transparecer uma comunicação que pulsa mudança, esperança e uma força indescritível.

- *Tia, descobri que meu cabelo e a cor da minha pele são lindos, sabia? E a senhora me ajudou a entender isso. Toma, esse desenho é seu.*

- *Mas você não quer ficar com ele? Mostrar seu lindo desenho em casa?*

- *Não, tia. Fiz ele pra senhora. Muito obrigada por tudo!*

Imagem 33 – Desenho de Emanuella



Fonte: Acervo pessoal.

Um abraço quentinho veio logo em seguida das palavras. Que emoção senti na hora! Tentei devolver o desenho para que ela guardasse, lembrasse de nossas conversas, mostrasse para seus responsáveis, familiares. Mas ela fez questão que ficasse comigo. Nó na garganta... Uma lágrima tímida escorreu em meus olhos no corredor da escola entre uma aula e outra.

Uma experiência estética inesquecível, para nós duas! Uma subjetividade política assentada em “outras matrizes” (LIMA, 2020, p. 238), e que possivelmente se desdobrará em práticas antirracistas no decorrer de sua vida. Uma postura ética e consciente de sua raça, etnia, cultura e identidade frente à sua afirmação como menina negra. Nossas redes forjaram tal encontro. E saímos dele fortalecidas de nossos papéis sociais perante tal acontecimento cotidiano. Laços que não se desatarão.

Nessa composição de afetos e criação de novas histórias e caminhos, a infância que se apresentou diante de mim pareceu mergulhar numa outra corporeidade, desvendada dentro de uma caixa cheia de cores que agora se aproximam da sua realidade, do seu mundo. Cores que, anteriormente, raramente apareciam nos desenhos ou retratos dos estudantes.

Portanto, entendendo que a educação possui dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas, caminhei pelas criações *'docentesdiscentes'* cotidianas com foco nas artes como estéticas da vida, como balizamento de “novas experiências, mais relacionadas com a reinvenção de si e de mundo e, assim, de escolas e de processos curriculares” (SOARES; PAIVA; FONSECA, 2017, p. 560). Pelas poéticas sensoriais cotidianas que se fazem presentes nas inúmeras redes educativas que formamos e nas quais nos formamos, e nas múltiplas relações entre os tantos *'dentrofora'* das escolas. Criações que existem e resistem às barreiras disciplinares normativas e oficiais, e que indicam novas e outras possibilidades de articulações curriculares e de vida.

Em uma ocasião anterior a essa, quando eu ainda lecionava em turmas de segundo segmento do ensino fundamental, percebi que os adolescentes tinham a necessidade de desenhar palavras ou formas em seus braços. Por vezes, pegavam algumas referências das tatuagens; outras vezes, eram apenas momentos de interação divertida uns com os outros. Alguns se deixavam receber os desenhos, outros apenas desenhavam.

Pensando nisso, reuni imagens de pinturas corporais dos povos originários e da cultura indiana para serem *'vistasouvidasentidaspensadas'* em sala de aula. Penso ser impossível falar qualquer coisa sobre as artes sem a presença das imagens e sem o auxílio dos artefatos culturais. Conversamos sobre as formas e seus significados culturais, modos de composição, materiais utilizados e suportes que, neste caso específico, eram os corpos. Corpos que se reconfiguram a partir de um acontecimento e de uma intervenção artística.

Assim como Alves, Soares e Caetano (2020, p. 2), também acredito que:

A imagem pode aferir formas ao acontecido: ela produz aos/às olhantes a aparência que se faz emergir no lugar da ação política. Nessa lógica, a imagem pode se conformar como espaço da emergência do acontecido, ao mesmo tempo em que opera criações de cenas nas quais os modos de subjetivação são produzidos. Cada imagem se configura com a sua identidade singular que age fora das generalidades e apagamentos.

Combinamos que, após todas as conversas, faríamos um esboço dos desenhos que seriam transferidos para os seus braços, caso assim desejassem. E o desejo foi unânime. Passamos algumas aulas planejando as composições. Misturamos diferentes informações para

que imagens autorais fossem criadas. Prezo sempre por criações inéditas, a partir do que eles sentem em contato com as imagens. Criamos juntos, sempre. E disponibilizei meus braços para que eles também pudessem desenhar. Adoro participar das atividades com eles.

Imagens 34, 35, 36 e 37 – Pintura corporal com canetinha



Fonte: Acervo pessoal.

Do toque no papel, passamos ao toque no corpo. Ao invés da canetinha deslizar em uma superfície branca e lisa, as pontas dos hidrocores sentiram texturas diversas. Os movimentos dos materiais e dos corpos também interferiram nos resultados finais. Gestos imprevistos geravam formas inesperadas, nem sempre planejadas nos esboços originais. E assim colocamos a nossa pele literalmente a favor das artes. Sem medo, sem pré-julgamentos. Saímos desenhados e felizes da escola.

Pensar, sentir e observar acerca do que a nossa cidade nos oferece em termos de artes. Essa também foi uma proposta desenvolvida com os estudantes do segundo segmento do ensino fundamental quando eu ainda trabalhava com esse público. Será que existem artes nas ruas, nas vias urbanas, nas praças, nos bairros periféricos ou subalternizados, nas estações de transportes públicos? São mesmo arte? Muitas dúvidas surgiram, mas muitas histórias legais também.

- Professora, o meu primo escreve naqueles cartazes de supermercado, com o nome e o valor do produto, sabe? Ele diz que precisa treinar bastante o formato e o tamanho daquelas letras desenhadas. E que algumas vezes precisa até escrever com cores diferentes. Isso também é arte?

- Eu tenho um vizinho que faz uns bonequinhos de arame envolvidos com um papel molhado que ele mesmo faz. Parece uma massa, mas não sei como é aquilo. Depois de seco ele pinta. E fica muito maneiro, professora! A senhora precisa ver. Ele faz esses bonecos em várias posições e com roupas diferentes, às vezes cria até um cenário para colocar os personagens...

- Outro dia eu passei por uma rua no centro de Campo Grande e vi um desenho grande e bonito no muro de uma casa, professora. Nele também tinham umas palavras escritas de uma forma estranha, mas eu gostei. Mas isso é pichação, né? Ou é arte? Tem diferença entre pichação e esses desenhos?

Com essas conversas, surgiram vários caminhos curriculares os quais eles nem imaginavam que ‘*viam sentiampensavam*’ com as artes diariamente. E elas estão em espaços e lugares que eles próprios ocupam, circulam e de que participam ativamente ou indiretamente. Mas participam de alguma forma.

Assim, fomos levados até os murais escritos por José Datrino nos pilares do viaduto do Gasômetro, na zona portuária do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1980 e 1990. Passeamos por suas letras, textos e composições peculiares com a ajuda de vídeos, fotografias e músicas. Lemos algumas de suas frases em verde e amarelo e descobrimos que, em seu discurso, fica clara a crítica ao capitalismo e aos males que ele causa à sociedade. Identificamos símbolos e letras duplicadas em algumas palavras, mas que não comprometem a comunicação. E ficamos surpresos ao saber que o “Profeta Gentileza”⁶, como assim era popularmente conhecido, deixou um rico e vasto patrimônio artístico e cultural para a cidade do Rio de Janeiro, que

⁶ Tal denominação lhe foi concedida em razão de seus murais, poesias e recitais que continham mensagens de práticas de vida gentis. “Gentileza gera Gentileza” é a frase mais conhecida dentre todas de seus trabalhos.

frequentemente, por desconhecimento ou falta de informação sobre seu trabalho, era depredado e até apagado.

Imagem 38 – Palavras de Gentileza



Fonte: cocalcomunitario.blogspot.com.

*Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
A palavra no muro
Ficou coberta de tinta*

*Por isso eu pergunto
A você no mundo
Se é mais inteligente
O livro ou a sabedoria*

*Apagaram tudo
Pintaram tudo de cinza
Só ficou no muro
Tristeza e tinta fresca*

*O mundo é uma escola
A vida é o circo
Amor, palavra que liberta
Já dizia o Profeta*

*Nós que passamos apressados
Pelas ruas da cidade
Merecemos ler as letras
E as palavras de gentileza*



Ao som de Marisa Monte, nos convidando a ficar mais atentos a tudo o que nos rodeia, propus que criássemos frases baseadas na estética dos escritos do Profeta Gentileza, mas com palavras ou mensagens que fizessem parte de suas formações como filhos, netos, sobrinhos, estudantes. Frases que queriam deixar ao mundo, aos seus colegas, a si mesmos.

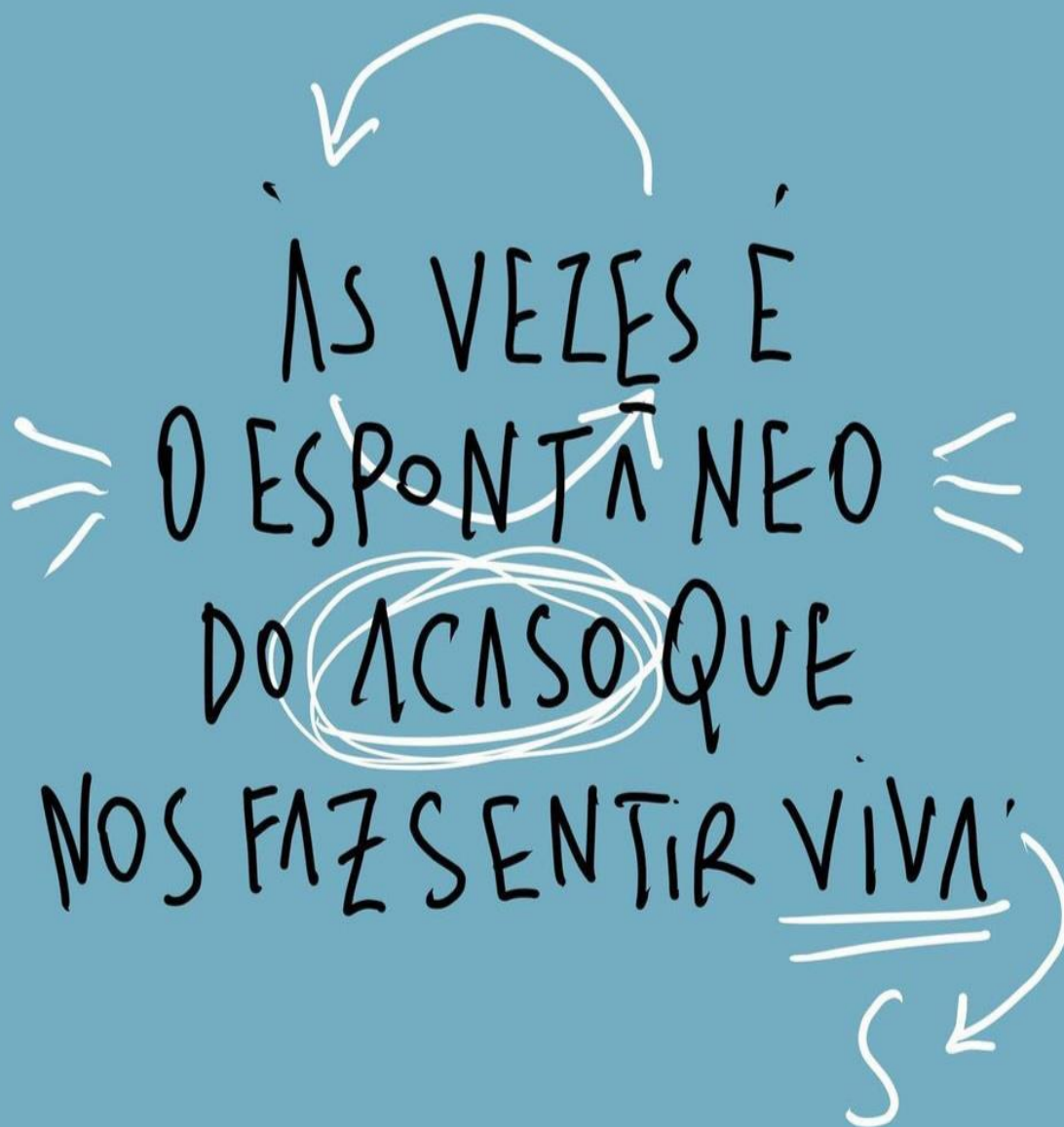
Imagens 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45 e 46 – Formação, transformação





Fonte: Acervo pessoal.

O resultado foi esse. E aqui está somente uma parte dessas criações. Potência de *'corposmentes'* em comunhão com artes e com a educação em suas dimensões ética, estética, política e poética. Transbordamento de modos de se narrar e de se apresentar para o outro. Artes e imagens como *'espaçostempos'* de conversa sobre valores, prioridades e escolhas nos processos curriculares *'pensadospraticados'* na escola. Enfim, um currículo que não é cerceado por arbitrariedades político-institucionais, mas que se expande em diferentes direções, conforme os rumos das prosas e dos desejos.



ÀS VEZES É
O ESPONTÂNEO
DO ACASO QUE
NOS FAZ SENTIR VIVA

The text is written in a casual, hand-drawn style. A curved arrow points from the word 'ACASO' back to 'ÀS VEZES'. Another curved arrow points from the underlined word 'VIVA' down towards the bottom text. The word 'ACASO' is circled with multiple overlapping loops.

ISADORA NÃO ENTENDE NADA

5 ‘SENTIDOSSENTIMENTOS’ E TRAJETOS DESTA PESQUISA

O pesquisador escuta, vê, sente com as redes dele. Ele não busca a verdade, mas um efeito de verdade. A gente nunca chega ao real. A gente cria o real possível com a nossa escrita, com as nossas pesquisas. Mas é um real que está atrelado às nossas possibilidades de interpretação. Quando a gente conversa com um professor, não é importante saber se o que ele está dizendo é verdade ou mentira. O que importa é a possibilidade de vir a acontecer o que ele está emitindo. Naquela fala existe uma potência de transformação, uma possibilidade de mudar o real, de explorar outros modos de fazer. É o que Deleuze vai chamar de virtual. Na pesquisa em educação, esse é um elemento central: emitir algo é dar possibilidade desse algo acontecer.

(NOLASCO-SILVA; LO BIANCO, 2022, p. 17)

Nesta parte apresento um pouco de nossas investigações com os cotidianos, nas quais estamos completamente entrelaçadas e mergulhadas. Estudar e pesquisar com os cotidianos é entender que as narrativas, os sons, as imagens, os sentimentos, os toques, os gestos e os gostos são criadores de ‘*conhecimentossignificações*’ dos ‘*praticantespensantes*’ desses ‘*espaçostempos*’ que são tão complexos, ricos e inaprisionáveis. É nas relações com os múltiplos outros que ‘*aprendemosensinamos*’. São nos movimentos da vida que tecemos e somos tecidas por um emaranhado de redes educativas que nos formam e transformam a cada momento.

Baseada na potência dos encontros, a nossa metodologia de pesquisa encontra nas práticas cotidianas inúmeras possibilidades de expansão de uma coletividade intensa e criativa, capaz de transformar o ideal em possibilidades diversas de fazeres e saberes. “Para além das macronegociações políticas e econômicas” (ALVES, 2019, p. 19), as pesquisas com os cotidianos nos aproximam das complexidades da vida sem deixar de lado as tantas redes que formamos e das quais nos formamos.

Para isso, inúmeros movimentos são necessários para pensarmos as ‘*prácticasteorias*’ ‘*dentrofora*’ das escolas e como os encontros criam ‘*conhecimentossignificações*’ curriculares constantes. Esses movimentos nos indicam alguns caminhos que devemos seguir nos processos de pesquisa, mas que nunca são estanques ou definitivos, podendo mudar à medida que mergulhamos neles. São estes atualmente: 1. O sentimento do mundo; 2. Ir além do já sabido; 3. Criar nossos “personagens conceituais”; 4. Narrar a vida, literaturizar e audiovisualizar a ciência; 5. Ecce Femina; 6. A circulação dos ‘*conhecimentossignificações*’ como necessidade.

Esses movimentos, que foram publicados em 2001, têm sofrido mudanças e ampliação de conceitos e sentidos, já que se tratam de movimentações de vidas, de ideias e pesquisas. “Virar de ponta cabeça”, “Beber em todas as fontes”, “Audiovisualizar (ficcionar) a ciência” e

“A circulação dos ‘*conhecimentossignificações*’ como necessidade” são exemplos deste constante repensar e conversar sobre nossas práticas como educadoras e pesquisadoras.

Como sentido hegemônico afirmado pela Modernidade, o olhar deixa de ter um papel primordial nos estudos com os cotidianos. Nossos muitos sentidos estão em jogo nesse complexo mergulho nos diferentes e múltiplos ‘*espaçostempos*’. Dessa forma, além de apenas ver o que se apresenta em nossa volta, devemos ouvir, sentir, tocar, cheirar e degustar tudo que nos é ofertado pelos cotidianos. Sabe aquele cheirinho delicioso de comida que sai do refeitório e adentra as nossas salas de aula sem permissão? E aquele barulho característico das crianças brincando no recreio? Um abraço carinhoso dos estudantes quando entramos ou saímos das aulas... Para Alves (2019), em seu primeiro movimento necessário às pesquisas com os cotidianos, são ações e acontecimentos – nesse caso, nos cotidianos escolares – que devem ser percebidos com todos os sentidos. Devemos estar abertos e atentos aos tantos estímulos capturáveis não somente pelo olhar, mas, também, pelo tato, pelo paladar, pelo olfato e pela audição, para que não nos isolemos das tantas experiências sensoriais desse mundo.

Complemento com Pallasmaa (2011, p. 37) quando ele também nos indica que

a ideia de que a visão é o nosso sentido mais importante está bem mais arraigada em fatos fisiológicos, perceptuais e psicológicos. O problema advém do isolamento dos olhos de sua interação com as outras modalidades sensoriais e da eliminação e supressão dos demais sentidos, o que cada vez mais reduz e restringe a experiência de mundo à esfera exclusiva da visão. Essa separação e redução fragmentam a complexidade, a abrangência e a plasticidade inatas do sistema sensorial, reforçando uma sensação de isolamento e alienação.

Ao virar de ponta cabeça, corremos o risco de nos despir de tudo aquilo que carregamos ou guardamos. Nada fica no lugar de antes. Mas ao perceber que não é possível “inverter todo o aprendido” e que criar novos ‘*fazerespensares*’, este só existe no confronto com o que já foi feito e na busca de ir sempre adiante do que já existe. Desse modo, o nome do segundo movimento foi modificado para “Ir além do já sabido”. Não existe embate se não há abandono de ideias, pensamentos, leituras e referências. Nada está pronto ou acabado. O lógico e o hegemônico estão aí para serem transpostos com criatividade. E não podemos florescer se não existirem as sementes e as regas.

Segundo Andrade, Caldas e Alves (2019, p. 26-27):

O combate aos modos de pensar hegemônicos, vindo de criações humanas em momentos anteriores, não se dá por dizermos como eles são maus ou insuficientes – não o foram no momento de seu surgimento e, ao contrário, foram revolucionários, pelo menos aqueles com que ‘conversamos’. Trata-se de ir além deles, com o que aprendemos com eles, realizar ‘conversas’ entre nós e com outras pesquisadoras/es,

fazer aparecer modos outros de *'fazerpensar'* que atendam ao que ainda não foi *'feitopensado'* e que precisa ser *'feitopensado'*, entendendo que só assim nos é possível ir adiante.

O mesmo aconteceu com o terceiro movimento. Em 'conversas' com Deleuze e Guattari (1992) acerca dos personagens conceituais, as autoras perceberam que as fontes "oficiais" não existem e que somos nós quem as criamos. São os pesquisadores quem decidem em qual direção irão caminhar. Podemos nos aventurar por rios e corredeiras nunca antes desbravados, se assim desejarmos. E os intercessores que impulsionam as nossas pesquisas com os cotidianos podem ser as falas, os sons ou as imagens dos estudantes, objetos, corpos, paisagens, imagens, argumentos ou artefatos, "fictícios ou reais", "animados ou inanimados" (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 29). Filmes, séries, artistas, filósofos ou o que mais nos auxiliam a compreender aquilo que nos faz pensar e escrever. Foi então que "Beber em todas as fontes" passou a ser chamado de "Criar nossos personagens conceituais", já que as fontes não estão à nossa espera para serem "bebidas".

Os praticantes alegóricos criados por Nolasco-Silva e Lo Bianco (2022) são belos exemplos de criações dessas fontes com as quais podemos fabular, conversar e fazer do texto científico e da pesquisa uma ilha de edição. Além de possuírem funções-informantes e comunicativas, os praticantes alegóricos reúnem vozes que, "sob o signo de uma identidade única" (p. 21), nos ajudam a pensar sobre alguns temas. Essas vozes nada mais são do que uma "junção de pedaços de narrativas produzidas por diversos interlocutores da pesquisa" que, por sua vez, são os personagens conceituais do pesquisador.

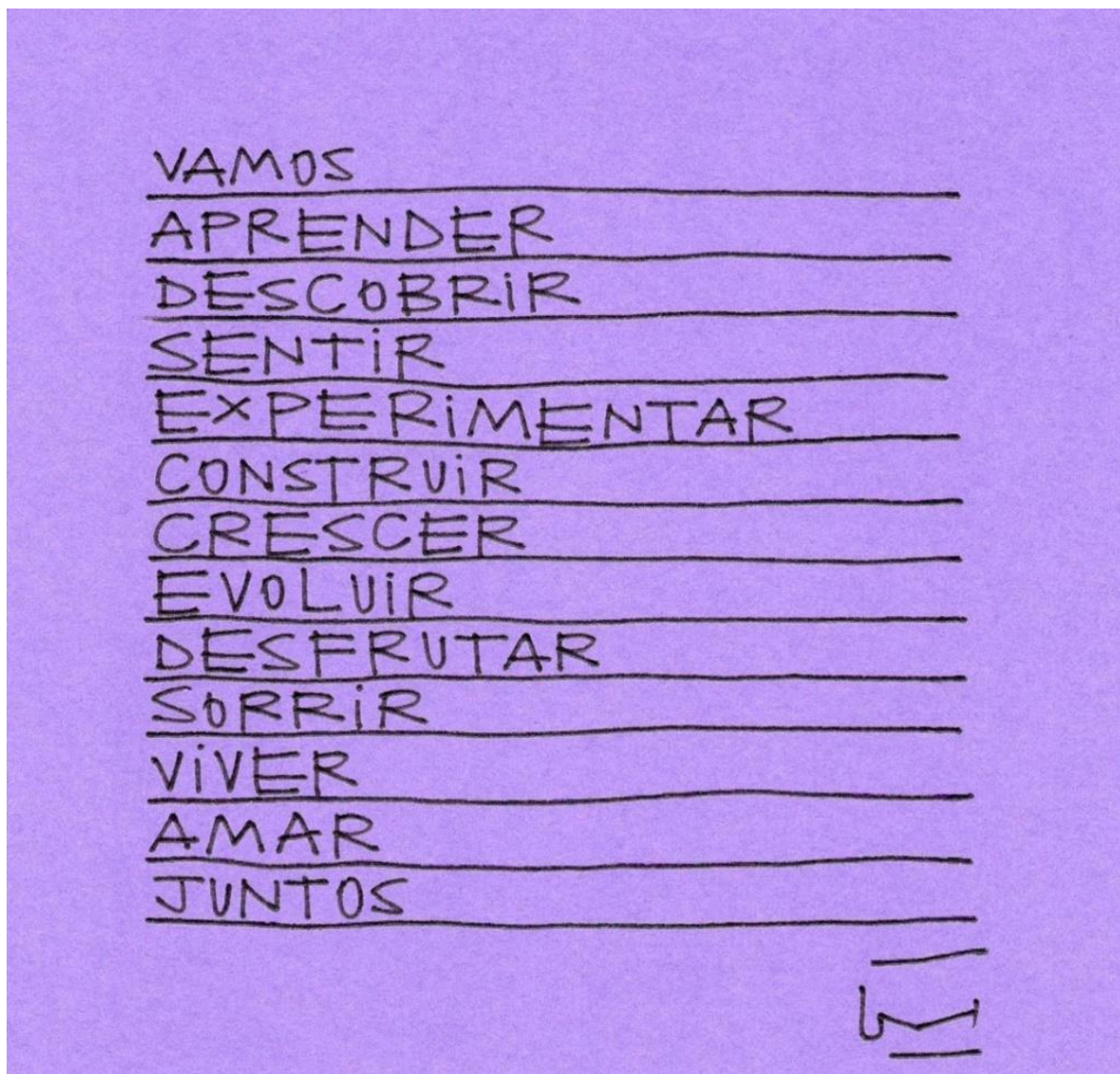
A audiovisualização (e a ficcionalização) da ciência vem complementando o quarto movimento, já que a pandemia nos impulsionou a criar novos hábitos em relação a tudo, inclusive às pesquisas. Inserida nos movimentos da cibercultura, a prática das audiovisualidades tem experimentado e sugerido novos modos de fazer e de circular – mais ainda – imagens, sons e pesquisas. As rodas de conversas, as salas de aula e os corpos que se dispõem a serem atravessados pela ciência são parte dessa "experimentação de um processo baseado na fruição, na apropriação e na ressignificação de uma ou mais obras audiovisuais" (NOLASCO-SILVA; REIS, 2021, p. 4).

Ao propor uma feminização do termo "*Ecce homo*", de Nietzsche, já que nós mulheres estamos em maior número na categoria docente, o quinto movimento proposto por Alves (2019), *Ecce femina*, reconhece a importância de identificar e incorporar as narrativas dos '*praticantespensantes*', com suas memórias, ações, criações e modos de perceber o mundo e necessidades cotidianas, às nossas pesquisas. O que estes protagonistas dos cotidianos fazem

nos interessa, e muito. Eles são os nossos intercessores. E muitas vezes os acessamos pelos encontros, pelas conversas e pelas escritas virtualizadas que por vezes nos chegam.

Por fim, para “ilustrar” os caminhar constantes e incessantes das pesquisas com os cotidianos, “A circulação dos ‘conhecimentossignificações’ como necessidade” foi acrescentado em 2019 e aparece, até agora, como último movimento. Com ele, percebemos que inúmeros documentos, artigos, teses, dissertações, vídeos... estão presentes nos ‘*espaçostempos*’ virtuais e sendo “usados” constantemente por quem os desejar. E essa circulação ficou muito mais nítida durante o período pandêmico, quando nos apropriamos ainda mais das criações e produções científicas que nos rodeavam, e ainda nos rodeiam, a todo momento, pelas redes digitais e encontros virtuais.

Imagem 48 – Coletividade, união



Fonte: @umcartao.

Redes educativas: entrelaçamentos, conexões, vidas. Essa é uma outra ideia apresentada por Alves (2019) e que nos faz observar e perceber como as questões sócio-históricas que nos envolvem são capturadas pelos *'praticantespensantes'* das pesquisas com os cotidianos e são assumidas nos currículos.

Para entendermos as articulações e as marcas que carregamos pelas diversas relações com muitos outros *'praticantespensantes'* dos cotidianos, Alves (2019, p. 115) nos atenta para esses *'espaçostempos'* de “reprodução, transmissão e criação de *'prácticasteorias'* que se articulam permanentemente”, as quais ela denomina de “redes educativas”. Ao se inter-relacionar umas com as outras, por vezes com intensidades diversas, essas redes que nos formam e que ajudamos a formar criam práticas e formas de pensamentos – teorias – indispensáveis ao viver cotidiano e ao currículo.

Essas redes são, segundo Alves (2019, p. 115):

[...] das *'prácticasteorias'* da formação acadêmico-escolar, das *'prácticasteorias'* pedagógicas cotidianas, das *'prácticasteorias'* de criação e “uso” das artes, das *'prácticasteorias'* das políticas de governo, das *'prácticasteorias'* coletivas dos movimentos sociais, das *'prácticasteorias'* das pesquisas em educação, das *'prácticasteorias'* de produção e ‘usos’ das mídias e das *'prácticasteorias'* de vivências nas cidades, no campo e à beira das estradas.

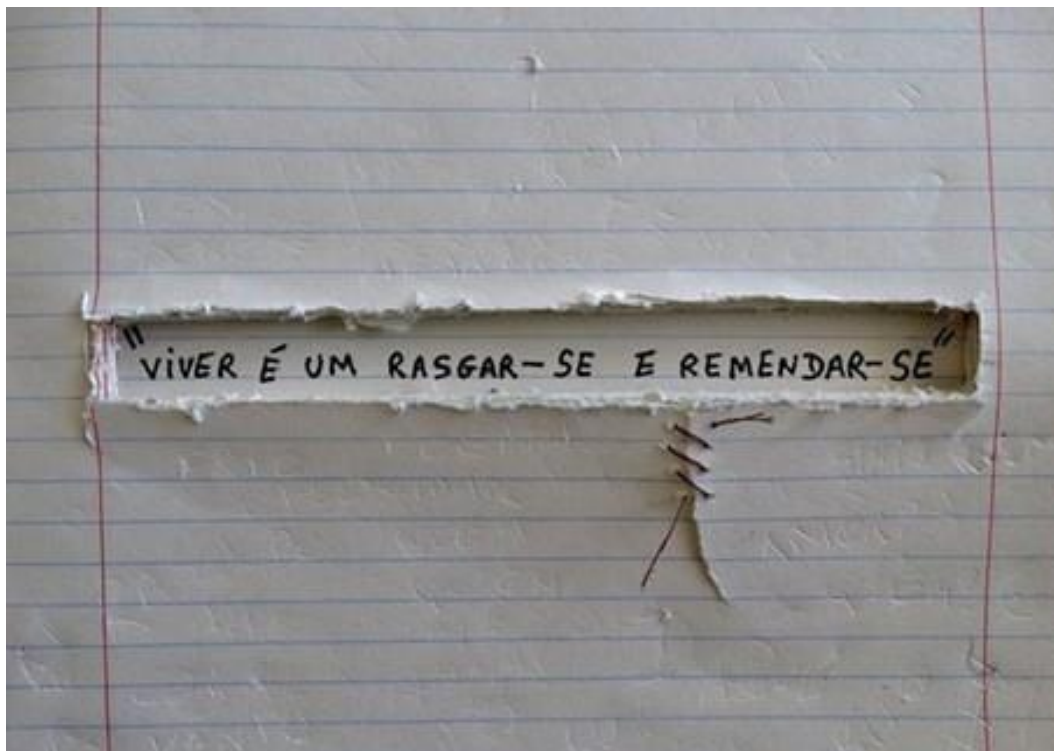
E por ser tão plurais e fascinantes, os cotidianos exigem “um constante repensar das nossas práticas como pesquisadores” (ANDRADE; CALDAS; ALVES, 2019, p. 20), educadores e atuantes nos/com os coletivos. Somos atravessadas por pessoas comuns e por elas somos recriadas através de histórias, narrativas, imagens, sons e sentimentos.

Nos formamos e nos transformamos desde que nascemos. As nossas relações com a família, escola, religião, com as ruas, com a cultura, com as artes, com as mídias, nas lutas sociais e políticas, com a universidade... nos constituem constantemente como “cidadãos, trabalhadores, seres políticos, sociais e históricos” (ALVES, 2019, p. 115) atuantes nas tantas dimensões cotidianas. Nossas ações sempre serão permeadas por afinidades, repulsas, trocas, negociações e marcas proporcionadas pelas redes que se entrelaçam em nós.

Com isso, nos damos conta de que, nos processos curriculares, didáticos e pedagógicos, somos todos *'docentesdiscentes'* e *'discentesdocentes'* ao *'aprenderensinar'* uns com os outros diariamente. Nas salas de aulas e em tantos outros *'espaçostempos'* escolares, todos têm algo a ensinar para quem quer que seja. Trocas, cruzamentos de histórias e memórias, trajetórias de vidas. Sem o real compromisso com a veracidade dos fatos, tais enredos sempre significam algo

para quem conta e para quem os escuta. No encontro com outro sempre deixamos e/ou levamos algo. Tessituras mágicas de nós mesmos.

Imagem 49 – Vivo de rasgos e remendos



Fonte: Pinterest.com.

Por isso que as conversas e as narrativas têm papéis fundamentais em nossos estudos. Entendidas como metodologias de pesquisa com os cotidianos, as memórias, os pensamentos, as vozes e as redes dos docentes e pesquisadores fazem surgir novas e inúmeras possibilidades de articulações curriculares. Sempre diversas, as narrativas fazem emergir muitas realidades possíveis, situações diversas e inusitadas, soluções criativas e inéditas, e ‘conhecimentossignificações’ que circulam ‘dentrofora’ das escolas.

E mais uma vez Andrade, Caldas e Alves (2019, p. 203-204) nos mostram que:

Desse modo, entendemos que, nessas ‘conversas’, interessa-nos conhecer o que ocorre nas escolas, pela versão que lhes dão os tantos ‘*praticantespensantes*’ que por elas circulam e, mais ainda, interessa-nos: conhecer as negociações de diversos tipos que são necessárias e estão presentes nelas, seja em disputas por hegemonia, em lutas políticas diversas - locais ou globais - em contradições ideológicas, em crenças de múltiplas origens, o que produz memórias de inúmeros tipos e permitem ações curriculares diversificadas; produzir o levantamento de possibilidades curriculares que aparecem sendo vividas cotidianamente; buscar perceber as articulações entre ‘conhecimentossignificações’, conteúdos e processos curriculares realizados ou possíveis de imaginar, tanto quanto os processos que podem acontecer a partir dali ou que poderiam ter acontecido se...

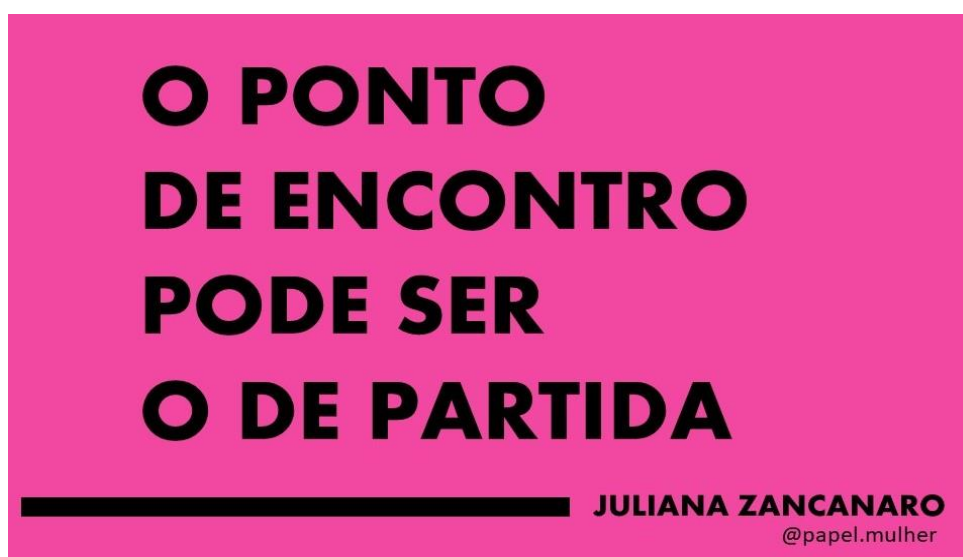
Conversar é deslocar o pensamento, se relacionando constantemente com a ordem e com o caos. É permitir que as vozes/palavras dançam livremente. É fazer da linguagem, dos gestos, das imagens e dos sons um veículo de conexão. Mas entender que em momentos de silêncio também há deslocamentos. É caminhar sobre linhas arbitrárias. Deixar que o verbo e o verso (in)transitem por múltiplas direções. É um *‘espaçotempo’* sensível de trocas de sentidos, de trajetos. É acontecimento, afetação. Um território de passagem e abertura ao novo, ao inesperado. É reverberar aquilo que transborda e abrir *‘corpomente’* para belas experiências. É se encantar com os encontros e saber lidar com os desencontros. É captura de instantes. Cultivo da beleza dos compartilhamentos. Constituição de um coletivo. Fabulações.

Para Carvalho (2006, p. 282),

na conversação, a participação dá lugar à pluralidade e à polifonia, assumindo-se, assim, um estado descentrado, de tal modo que é a pluralidade e não o Eu ou o Outro que será o foco do encontro. Entretanto, a conversação não acontece sem ser criada e sustentada pela participação ativa, que combina em si duas dimensões: a poética da participação e a sociabilidade, articulando vozes, assuntos, em participação criativa, de modo que tornem possível a multiplicidade partilhada, conversação recriadamente aberta e inacabada.

Sem o compromisso imediato de se chegar a um consenso, conversar integra o pensar e o dizer sobre o momento vivido. Ao entrarmos nesse terreno de negociações/conversações/aproximações com os *‘praticantespensantes’* dos cotidianos, “apostamos na atitude política de pensar com eles e não para ou sobre eles” (ALVES; FERRAÇO, 2018, p. 52).

Imagem 50 – Chegadas e partidas



Fonte: @papel.mulher

Outro lócus central de nossos processos de pesquisas com os cotidianos são as ‘*cineconversas*’. Rosa Helena Mendonça⁷, ao propor tal denominação, nos fez entender que, ao mobilizar o cinema e as conversas e colocá-los em relação de coexistência, somos levados a criar conexões conjuntas e coletivas ao ‘*vermosouvirmos sentirmos pensarmos*’ um filme. Como um potente artefato cultural que conecta redes, experiências, memórias, histórias e sentimentos, os filmes também nos ajudam a ‘*pensar criar*’ com os cotidianos e com tudo o que eles nos apresentam.

Não temos como objetivo principal interpretar os filmes ou tentar entender o que o autor ou o roteirista quiseram nos dizer/passar com a obra. Mas sim deixar transbordar pelas palavras, sentidos e conversas tudo aquilo que nos mobilizou em contato o enredo, com a cenografia, figurinos, fotografia, sons, pausas, paisagens. Tais movimentos de trocas, negociações e conversas a partir dos filmes nos colocam numa posição de protagonistas em relação aos seus usos como importantes artefatos curriculares, pois são capazes de acessar e criar diversos ‘*conhecimentos significações*’ nos tantos ‘*espaços tempos*’ escolares e fora deles.

De acordo com Mendonça *et al.* (2020, p. 1634):

As “*cineconversas*” nos fazem acessar as memórias pelos sentidos da visão, da audição, do olfato, do paladar, do tato, e a compreender situações da vida nos cotidianos. Elas criam conexões com experiências que revelam as vivências de cada participante, já que um filme não representa a realidade, mas cria realidades que nos permitem conversar e fabular.

E essa “*arte de conversar*” (CERTEAU, 2014), que é tão cara para as pesquisas com os cotidianos, nos fazem pensar acerca das vozes que sempre nos convidam ao debate, ao combate e que desestabilizam, de alguma forma, as nossas certezas e formação cartesiana. Se por um lado o ato de conversar nos coloca diante do entrelaçamento de caminhos, trilhas e redes dinâmicas de prazeres e interesses, por outro lado, nos convida a dançar com as mudanças de rumo e de perspectivas, a flertar com “um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular “lugares-comuns” e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los “habitáveis” (CERTEAU, 2014, p. 49).

Ou seja, o que os ‘*praticantes pensantes*’ dos cotidianos pensam, narram, vivem e criam ecoa nos currículos e neles reside. ‘*Aprendemos ensinamos*’ juntos e a todo momento. Contamos nossas histórias todos os dias, a cada escolha que fazemos. E as conversas e narrativas são partes fundamentais e integrantes desse processo coletivo.

⁷ Pesquisadora integrante do Grupo de Pesquisa Currículos cotidianos, redes educativas, imagens e sons, coordenado pela professora Nilda Alves, UERJ.

Imagem 51 – É preciso coragem

COISAS INCRÍVEIS
ACONTECEM
QUANDO VOCÊ
ENFRENTA O MUNDO
FORA DA ZONA
DE CONFORTO.

- VAN -

@ARTECULTURALIZAR

Fonte: @arteculturalizar.

6 FABULAÇÕES COMO CRIAÇÃO DE ARTES E DE UM DEVIR-CURRÍCULO

6.1 Entre o real e a ficção está a potência das artes e da educação

A arte é a linguagem das sensações, que faz entrar nas palavras, nas cores, nos sons e nas pedras. A arte não tem opinião. A arte desfaz a tríple organização das percepções, afecções e opiniões, que substitui por um monumento composto de perceptos, de afectos e de blocos de sensações que fazem as vezes de linguagem.

(DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 208)

As artes existem em si, segundo Deleuze e Guattari (2010, p. 194). Nada mais são do que bloco de sensações independentes do estado daqueles que experimentam e são atravessados por elas. Com elas, somos capazes de conservar instantes com durações indeterminadas, passando de um estado de vibração a outro, entrelaçando palavras, sons, paisagens, vivências, devires.

Somos o que somos porque nos formamos com o mundo, com as redes. E as artes ocupam esse mundo desde o início da humanidade. Elas estão por aí, por aqui, por todo canto, independente se a nossa atenção esteja voltada para a sua percepção. Independente se nos damos conta ou não do quanto somos compostas pelas artes a todo momento.

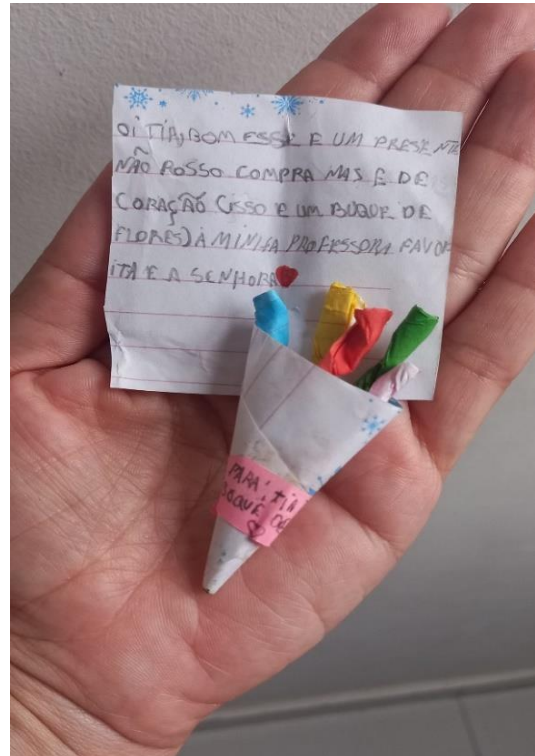
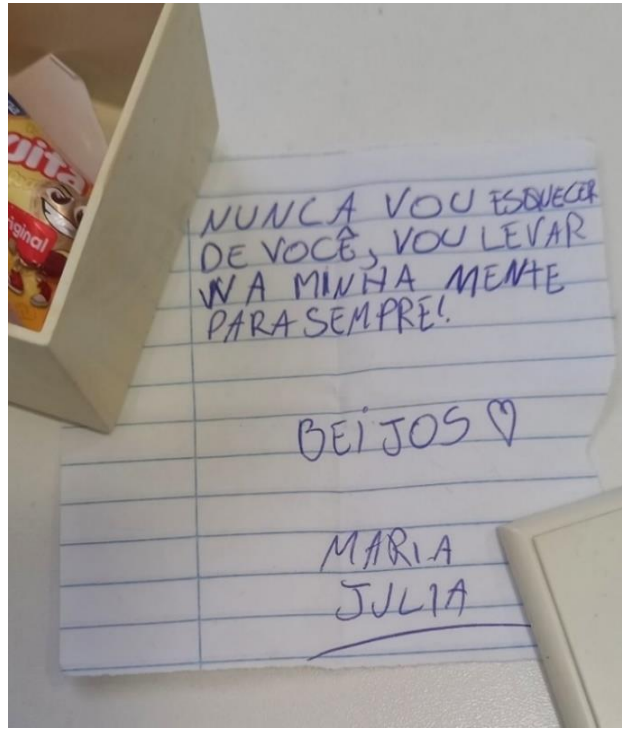
Refiro-me, aqui, às artes como tudo aquilo que também surge nos/com os cotidianos sem o nosso controle ou planejamento prévio: uma surpresa no final da aula, uma fala emocionada, um bilhetinho num pedaço de papel, uma memória resgatada, um desenho improvisado, uma poesia criada no caminho de casa, um sorriso de agradecimento, uma colagem com materiais inusitados, uma dobradura criada com afeto, um cartão interativo feito por uma criança, uma torre de lápis de cores, um penteado diferente, uma comida posta delicadamente em um prato, alguns livros organizados por cores em uma prateleira, um anel moldado em papel, um pôr de sol multicolorido, uma florzinha entregue com carinho no início das aulas. Artes como poéticas cotidianas, como movimentadoras de pensamentos, como acontecimento. E como aquilo que nos arrepiam e nos fazem sentir pulsantes diante do momento vivido.

Talvez não nos atentemos a respeito, mas todos somos fundamentalistas até que nossas atuações na sociedade sejam pensadas e/ou replanejadas constantemente. É preciso sempre cautela e vigilância, para que as micro e macroações cotidianas não nos engulam junto com as certezas absolutas e com a falta de sensibilidade e atenção às demandas e pautas surgidas entre os *‘praticantes pensantes’* (OLIVEIRA, 2012) dos cotidianos.

Toja (2021, p. 66) nos chama a atenção para o fato de que:

Na perspectiva de uma ciência impregnada de verdade absoluta, tudo aquilo que existe e se realiza nos ‘*espaçotempos*’ cotidianos é entendido como sem importância, como algo menor e, dispensa a necessidade de compreender. Alves (2015) nos chama a atenção para a compreensão dessas ‘*prácticasteorias*’ nos cotidianos e as tensões que geram quando pensadas como “lógicas” que subvertem a ideia de uma ciência sustentada em “verdades”.

Imagens 52, 53, 54 e 55 – Artes. Poéticas cotidianas



Fonte: Acervo pessoal.

Mas até que ponto os fundamentalismos que nos atravessam impedem ‘*verouvirsentirpensar*’ acerca das artes como criadoras de ‘*conhecimentossignificações*’ éticos, estéticos, políticos e poéticos nos tantos ‘*dentrofora*’ das escolas? Como as ‘*prácticasteorias*’ docentes podem se unir às artes e promover caminhos para um currículo fabulante e divertido como as crianças? Um currículo para além de sua estrutura disciplinar – o qual chamarei de um devir-curriculo –, afastado dos poderes e saberes instituídos e não apenas formativo em seu sentido mais linear, mas experimentador de mundos, sabores e sensações que as sutilezas dos cotidianos nos oferecem, como nos sugerem Leite, Chisté e Cammarota (2020). Um devir-curriculo-geleca, que escorre pelas nossas mãos e escapa de toda e qualquer tentativa de captura.

Esse devir-curriculo, questionador de ordens e discursos estabelecidos, se fez presente de forma mais enfática com a chegada da pandemia de Covid-19 e, de uma hora para outra, precisou ser repensado, recriado, replanejado. Muitas certezas caíram por terra. Muitas incertezas deram certo e viraram hábitos em nosso ‘*fazerpensar*’ docente. Que bom! E um desses hábitos foi fazer com que as artes se tornassem nossas aliadas nesses processos de criações curriculares. Nos desterritorializamos nesse devir-curriculo sinuoso.

Nesse movimento e de acordo com Toja, Conceição e Malheiros (2021, p. 273):

O movimento de desterritorializar é sair da zona de conforto, daquilo que é dado como condição ou verdade. É aceitar um terreiro ainda não experienciado, que está ali esperando o acaso e que é criado por meio do uso daquilo que está sendo agenciado em seus afetos. Memórias, gestos, passos firmes, passos largos, passos curtos, passos frágeis, corpos vívidos, em imanência, na criação de outros modos de vida, nos ‘*fazeressaberes*’ com os possíveis Outros.

Neste ‘*espaçotempo*’ de mudanças e anseios, a potência das narrativas e das fabulações acessou locais inimagináveis. Ao colocar a realidade e a ficção entre uma fina fronteira – quando não entram em disputa –, as histórias sobre si e sobre o mundo possibilitam acontecimentos inesperados.

Pelo seu caráter criador, a fabulação forja e abre leques de possibilidades para inúmeras versões de artes, de currículos, de vidas. Como “voz do povo” (CERTEAU, 2014, p. 231), as fábulas se fazem presentes nas palavras, nos sons e não possuem compromisso com a veracidade das lembranças, da memória ou dos fatos, mas se atualizam por blocos de sensações e devires do presente, excedendo “os estados perceptivos e as passagens afetivas do vivido” (DELEUZE; GUATTARI; 2010, p. 202).

Com isso, no limite entre o real e a ficção, podemos encontrar criações de artes, os simulacros de experiências, as abstrações de mundos e as infinitas possibilidades de existências.

Aqui, a verdade se contrapõe aos fluxos inventivos das narrativas e das experimentações. E aí é onde estão as belas articulações vitais dos cotidianos e dos currículos escolares. Nas vozes-fabulações-criações de seus *‘praticantespensantes’*.

Ao fabular, nos deparamos com um cenário ineditamente vislumbrado, onde novas formas de pensar, agir, falar, se comunicar e viver migram para outros contornos e conteúdos possíveis, em que novas configurações de cotidianos e de educação podem ser observadas, e onde, através de uma escolha política e do entendimento de sua potência criadora, as fabulações nos permitam agenciar novos acontecimentos e contornos curriculares.

Esse devir-curriculo ao qual me referi anteriormente, que pulsa e pede atenção, parte da premissa de que as multiplicidades e o dinamismo da vida e dos cotidianos sejam essenciais para um deslocamento e não correspondência de relações com ele próprio, no âmbito das políticas públicas de castração dos “fluxos desejantes libertários” (GALLO, 2009, p. 34) e criativos.

Assim, concordo com Deleuze e Guattari (2012, p. 20) quando afirmam que:

Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda a consistência; ele não reduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir”.

Ou seja, esse devir-curriculo, que nasce de encontros e acasos, nos convida a flertar com as novidades, com fazeres nômades de deslocamentos, com as experimentações, desdobramentos e com as subjetivações que acontecem após esses encontros. E nessa possibilidade de seguir por direções múltiplas e incertas é que podemos traçar linhas de fuga dinâmicas que instaurem novas táticas individuais e coletivas, pensamentos e memórias, afetações, diferenças e problematizações.

6.2 Durante o isolamento social

Curriculos, conforme compreendemos nas pesquisas nos/com os cotidianos, são espaçostempos de encontros entre diferenças, de reconhecimento e estranhamento, de escrituras sobrepostas, práticas negociadas, bricoladas e abertas à invenção, às contingências e às oportunidades. São atos coletivos, criados cotidianamente nas escolas, mesmo que em sua origem encontremos arbitrariedades políticas e teóricas e tentativas de controle. Currículos são declarações de intenções institucionais, produtos de políticas públicas e decisões administrativas. Mas são ainda derivações de corpos, mimeses de gestos, produção de desejos, inventividades e resistências daqueles que habitam os tempoespaços escolares, com suas presenças – físicas e

virtuais –, ausências, temporalidades, astúcias, confrontos, enfim, com aquilo que não tem governo, nem nunca terá.

(NOLASCO-SILVA; LO BIANCO, 2022, p. 50)

Impulsionado por um acontecimento, o devir-curriculo-pandêmico, surgido após uma suposta continuidade das atividades escolares e acadêmicas, se transformou num movimento constante de *'sentirpensar'* os cotidianos nas imprevisibilidades do caos em que a Covid 19 nos colocou. Tais movimentos também auxiliaram a contestação acerca de algumas práticas e ordens que a modernidade e o capitalismo nos impuseram até hoje. Uma dessas questões colocadas em inconformidade foram as fronteiras entre as disciplinas e todas as dicotomias que elas geram. Pensar para além delas é complicado, nada fácil. Mas é possível.

'Vimossentimos' na pele e no *'corpomente'* que, durante o período de isolamento social – entre 2020 e 2021 –, foi demandado de nós, professoras e pesquisadoras, assim como dos estudantes, bem mais do que planejamos antes da pandemia se instaurar no mundo e no Brasil e determinar o fechamento das escolas. Corremos contra o tempo para dar conta de outros modos de *'pensarcriar'* currículos e educação. Naquele momento, fomos obrigados a negociar com a desarmonia social, política, econômica e sanitária em que nos encontrávamos.

Tudo se torna impossível quando não tentamos algo diferente, algo novo ou inusitado. E acabamos descobrindo, com a pandemia, vários caminhos possíveis de descentralização do conhecimento como poder e como apropriação. O devir-curriculo-pandêmico nos mostrou ser possível *'aprenderensinar'* fora dos *'espaçostempos'* físicos das escolas e das salas de aulas. Nos apresentou outras formas de narrar a vida, de esparramar os *'conhecimentossignificações'* entre as barreiras disciplinares, de romper com a domesticação dos corpos, sentidos e sentimentos.

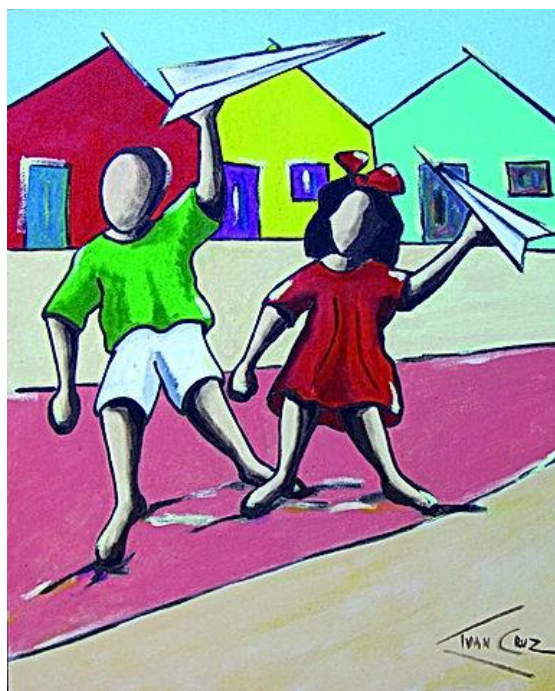
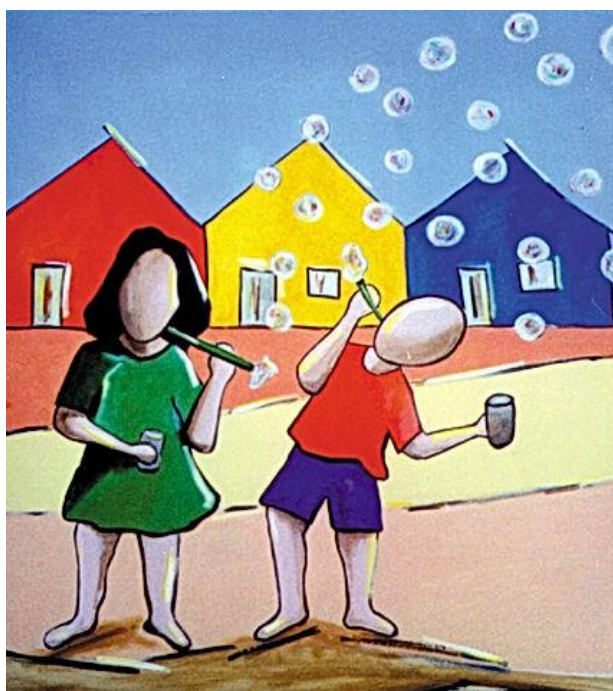
E assim, mais uma vez, Nolasco-Silva e Lo Bianco (2022, p. 27-28) nos provocam a pensar que:

As docências do presente acontecem sob olhares vigilantes e cobiçosos, nem sempre claro em suas intensões, mas geralmente perversos como toda tentativa de conter o fluxo da vida que deseja ir múltiplas direções. Entre os falsos religiosos que almejam a escola-prolongamento-da-igreja e os ambiciosos empresários que desejam a educação-mercadoria, há a fresta por onde se inventa a vida. É dela que queremos falar aqui – da passagem de ar que viabiliza a construção permanente do existir enquanto potência, como disponibilidade de transformar o mundo, de modo que se alargue tanto, tanto, tanto que caiba todo mundo dentro dele. Educar na fresta é não se comprometer com a ideia de um corpo-pecador porque pecado é invenção que não faz sentido num Estado laico. O corpo tem que ser livre para (se quiser) romper as barreiras do comportamento normativo, gingando, escapando das flechas de uma moralidade reduzida à obediência. As escolas são contingências de *espaçostemporais* por onde os corpos transitam. Não é possível interromper esses fluxos sem cometer algum tipo de violência.

E é a respeito desse não controle dos ‘*corposmentes*’ que iremos conversar mais um pouquinho agora, já que no período de isolamento social os estudantes ficaram ainda mais livres para criar com os objetos disponíveis em suas casas e com os tantos artefatos ‘*sensórioculturais*’ a que alguns tinham acesso.

Em uma das minhas aulas on-line com crianças entre seis e sete anos, no ano de 2020, foram apresentadas a elas algumas imagens de obras de arte do artista plástico brasileiro e fluminense Ivan Cruz⁸. Em suas telas, bem chamativas e coloridas, o artista nos apresenta diversas brincadeiras que fizeram parte de sua infância. São imagens que retratam meninas e meninos jogando bola, soltando pipas, pulando carniça, brincando de roda, cabo de guerra, amarelinha, entre tantos outros entretenimentos infantis. A partir das imagens, fomos conversando sobre suas preferências, rotinas e gostos. Fabulamos acerca dos cotidianos antes e durante a pandemia de Covid 19, já que estávamos no auge do período de transmissão da doença e trancados em casa. Em seguida, todas as nossas conversas se transformariam em criações com as artes.

Imagens 56 e 57 – Ivan Cruz e suas brincadeiras



Fonte: www.ivancruz.com.br.

⁸ Nascido no subúrbio do Rio de Janeiro em 1947, Ivan Cruz se formou em Direito, mas nunca deixou de lado a pintura e as lembranças das brincadeiras de rua que fizeram parte de sua infância, que é o tema principal de seus trabalhos. Na década de 80, resolveu abandonar a advocacia e se dedicar integralmente às artes.

O que eu não sabia era que essas criações seguiriam por lugares surpreendentes.

Pouquíssimos dias depois começaram a chegar fotos e vídeos das crianças com seus objetos de diversão feitos em casa. Piões com tampinhas plásticas, barquinhos com papel de pão, petecas com sacolas plásticas e bichinhos com rolinhos de papel higiênico foram alguns dos brinquedos montados por eles. Uma das crianças do 1º ano do ensino fundamental decidiu que faria um jogo da memória não só para ele, mas também para outras crianças, como lembrancinha de sua festa de aniversário, que estava próximo.

A mãe, que fotografou todo o processo de montagem das peças do jogo, foi me mostrando pelo WhatsApp como os desenhos foram escolhidos, colados, cortados e embalados cuidadosamente e de forma artesanal por ele e com sua ajuda.

- Professora, como ele ficou feliz com essa atividade! Posso ver em seu rostinho a empolgação em fazer as suas próprias lembrancinhas de aniversário. E toda a ideia partiu dele, por conta das imagens e do trabalho que a senhora passou.

Imagens 58, 59, 60 e 61 – Jogo da memória artesanal



Fonte: Acervo pessoal

Uma outra linda descoberta, que também foi impulsionada pelos nossos encontros virtuais e conversas acerca dos cotidianos das crianças e das famílias, foi a pintura em telas também por uma aluna do 1º ano do ensino fundamental na época. Anna Julia, uma menina tímida, com tranças nos cabelos e apaixonada pelas artes, me foi apresentada também pelo WhatsApp em frente a um quadro pintado por suas pequenas mãozinhas borradas de tintas. Em um dos pés tinha um gesso – acessório típico de crianças saudáveis e com bastante energia – e entre os dedos, pincéis que transformavam as suas ideias em formas multicoloridas.

Imagens 62, 63 e 64 – Telas de Anna Julia



Fonte: Acervo pessoal.

A mesma estudante de seis anos, que inventa formas inusitadas de criar as atividades solicitadas, utilizou materiais comuns dos nossos cotidianos para formar um autorretrato a partir da sugestão de utilizar folha branca, lápis de cor e canetinhas coloridas como suporte e materiais de composição.

Com a ajuda de um espelhinho ou de uma fotografia, cada estudante deveria observar as características físicas de seu rosto: cor da pele, tipo, tamanho e textura dos cabelos, formato dos olhos, nariz e boca, e outras marcas ou sinais individuais que eles pudessem destacar.

Estávamos conversando sobre identidade, diversidade e diferenças entre as crianças da turma e na sociedade em geral. Tudo isso para depois emendar numa abordagem sobre respeito aos diversos corpos e escolhas.

Ao superar todas as minhas expectativas, Anna Julia me apresentou uma imagem que retratava seu rostinho com moedas de diferentes cores e tonalidades. E não é que até o efeito de brilho nos olhos ela conseguiu criar com as moedas? Não foi preciso mesa, nem cola, nem materiais de colorir. Utilizando o chão mesmo como suporte, a pequena estudante-artista resolveu a atividade em poucos minutos e de maneira supercriativa. Por estar em casa e ter acesso a objetos que normalmente não estariam disponíveis nos espaços físicos das escolas, Anna Julia não hesitou em sair do óbvio, do comum. Com alegria, entusiasmo e surpresas, as crianças me mostram que é sempre possível e necessário se agarrar a esse devir-curriculo e fazer a diferença e resistir.

Nesse viés, Silva, Zouain e Fernandes (2022, p. 291) afirmam

a escola como lugar de vida que não se pode controlar, mas que se tece em novas manhãs por entre os processos inventivos que coengendram os *espaçotempos* cotidianos, deslocando as forças instituídas pelas composições de crianças, professores e pesquisadores que, coletivamente, praticam os currículos, as docências e os processos aprendentes pela força das infâncias.

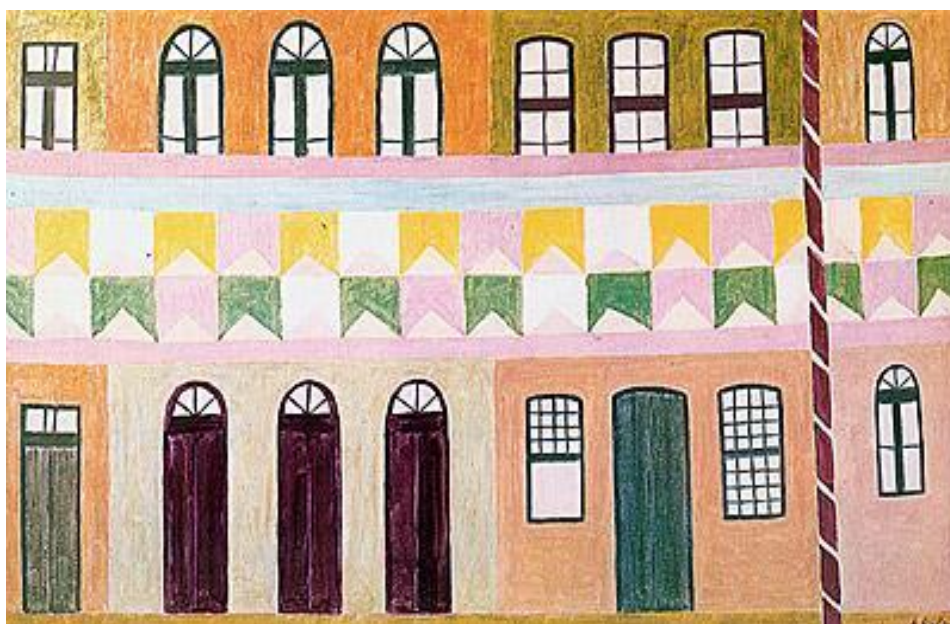
Imagem 65 – Eu, Anna Julia



Fonte: Acervo pessoal.

Já em 2021, com turmas de 3º ano do ensino fundamental, trago um exemplo de nossos encontros com alguns artistas plásticos brasileiros que utilizam as formas geométricas em suas composições. Alfredo Volpi⁹, com suas paisagens, fachadas de moradias e temas populares, auxiliou as nossas conversas acerca da presença da geometria nos espaços nos quais estamos inseridos.

Imagem 66 – Fachada com Bandeirinhas, Alfredo Volpi, 1950



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

‘Vimosouvimosentimospensamos’ com Volpi. Enquanto as imagens e os vídeos adentravam as telas e as casas dos pequenos estudantes, percorremos com curiosidade seus casarios e bandeirinhas coloridas. A ideia inicial era criar colagens com papéis coloridos: cartolinas, papel cartão, papel crepom... Mas num *‘fazerpensar’* repleto de surpresas; novamente, outros materiais foram usados para a elaboração da atividade.

Sabemos das dificuldades, em todos os sentidos e instâncias, que estudantes e docentes enfrentaram, e continuam enfrentando, nesse período pandêmico e de muitos negacionismos. Mesmo assim, criamos com o que tínhamos ao alcance. Nossos pensamentos se movimentaram em múltiplas direções. E as crianças nos mostraram, com leveza e sensibilidade, que é possível tecer novos *‘conhecimentossignificações’* quando tudo parece perdido ou distante daquilo que idealizamos.

⁹ Ítalo-brasileiro, Alfredo Volpi se destacou como um dos principais representantes da segunda geração do Modernismo Brasileiro. Com uma carreira singular e marcada por passagens em diversas vertentes da pintura, Volpi se destacou com seus temas populares, religiosos e por sua série de bandeirinhas de festas juninas.

Imagem 67 – Criação de Camila, 9 anos



Fonte: Acervo pessoal.

Os papéis coloridos inicialmente planejados para a atividade foram pouco utilizados. Eles cederam lugar para novas ideias e possibilidades. Nada mais acessível e multicolorido que encartes de supermercados. E por que não usá-los como materiais de artes? Camila decidiu usar. Outros estudantes utilizaram papéis de embrulhar presentes. E numa experimentação e fruição inéditas fomos atravessados por cocriações estéticas e poéticas polifônicas.

Com essas aulas a distância me foi permitido acessar um universo infantil repleto de histórias, sorrisos, ruídos, silêncios e sentimentos que se misturavam a todo momento com os conteúdos tantas vezes (re)planejados durante o isolamento social. Conectamo-nos pelas redes e pelos afetos em que, a partir das imagens, dos encontros, conversas e fabulações afetuosas e divertidas, tecemos muito mais do que '*conhecimentossignificações*' curriculares normativos. Tecemos um devir-vida, devir-infância e um devir-curriculo-mundos infinitos possíveis. Tecemos resistência!

Novamente com Silva, Zouain e Fernandes (2022, p. 282),

pensemos resistência como libertação da vida em prol de toda a sua potência. Resistência como desejo de pensar e de viver de outro modo. Resistência como invenção de novas experimentações e composições curriculares. Resistência como alegria. [...] Resistências inventivas agenciadoras de desejos coletivos, criadores de novos possíveis para as escolas, para os currículos e para a educação.

Imagem 68 – Histórias, inícios, fins, recomeços



7 QUESTÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS

Estética, ética, política e poética na educação com as artes

Por fim, entendemos que as imagens e, entre elas, as imagens de si e de mundos partilham de um sensível, de uma vontade política de estética, partilham de um comum, de uma vontade de habitar o presente. Ou seja, prosseguem umas nas outras engendrando novas composições/criações nos/com os currículos individuaiscoletivos e as redes educativas cotidianas que tecemos, em meio às quais somos tecidos, na medida em que elas apresentam novas questões para pensarmos os modos pelos quais se produzem as éticas, estéticas e políticas de existências e as narrativas sobre a vida e as práticas de ensinaraprender e de afetar e ser afetado dentrofora das escolas.

(SOARES; PAIVA; FONSECA, 2017, p. 561)

Silvio Gallo, em sua fala na mesa 2 da Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em 2020, que aconteceu de forma remota e com o tema “Ética, Estética e Política na educação”, nos atenta que essas três dimensões são indissociáveis das práticas educativas, pois são relativas às ações humanas e à constituição de cada sujeito. Ou seja, em se tratando de todo e qualquer processo educativo, que é um processo de subjetivação (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 86), não há como afastar as nossas escolhas e necessidades diárias de nossas falas e ‘*prácticasteorias*’ docentes e cotidianas.

Nesse “processo de singularização não dialético, de diferenciação permanente, de criação e afirmação de uma estética da existência” (DELEUZE, 1988 *apud* SOARES; PAIVA; FONSECA, 2017, p. 559), todos os estímulos que recebemos pelos sentidos estão em jogo nesses movimentos de resistência e criação. Aqui a hegemonia do olhar cai por terra, pois quando mergulhamos nas pesquisas com os cotidianos, somos conduzidas a pensar acerca das estéticas que contornam as nossas existências, as relações com os outros e com o mundo. Dimensões estéticas estas que abraçam as nossas percepções e nos fazem ‘*verouvirsentirpensar*’ diversos fatores sociais, culturais, artísticos...

De acordo com Gallo (2012, p. 86):

O homem é um ser sociável, vive circunscrito numa sociedade e convive com seus semelhantes. As coisas que criamos têm por objetivo despertar no outro sensações de prazer ou dor; admiração ou repulsa; aprovação ou desaprovação. Criamos coisas, sejam belas ou feias – não importa, pois beleza e feiura são conceitos subjetivos –, para despertar sentimentos no outro. Criamos coisas para tocar no mais íntimo dos sonhos e desejos. Criamos coisas para serem amadas ou odiadas, não importa, pois o que realmente interessa é que esses objetos toquem o fundo da alma das pessoas. E esse é justamente o objetivo de toda obra de arte: despertar sentimentos, sensações, tornar presente sonhos e desejos que tanto escondemos e reprimimos.

Sendo a experiência estética inerente às nossas relações com os outros, os sentidos, os sentimentos e a criatividade conduzem as vidas como obras de artes. Não aquelas figurativas, lineares, de fácil reconhecimento, entendimento e identificação. Mas obras que nos atraíam pelas curvas dançantes nas telas, pelas abstrações que movimentam os nossos sentidos para além da superfície e aprofundam a nossa investigação entre as camadas de tintas sobrepostas. Artes como estética da vida, como estética de existências singulares, divertidas e curiosas. Existências sensíveis, intensas e atentas às cores, gestos, formas, gostos, toques, sons, cheiros, desejos...

Imagem 69 – Vidas, Artes



Fonte: @museudoisolamento.

Em relação à dimensão ética, podemos relacioná-la à nossa liberdade de escolha em diversas situações. Escolhas individuais e coletivas. Mas entendendo que uma interinfluencia a outra, já que vivemos em sociedade e somos parte de um todo. Toda ação humana se fundamenta em princípios éticos que são movidos pela nossa racionalidade.

Freire (2021, p. 44-45) afirma que não existe um caminho mais verdadeiramente democrático e ético do que deixar claro aos estudantes a forma como pensamos, as nossas escolhas, os nossos sonhos e as nossas lutas. Porque decidimos ir por uma direção e não por outra, mas sempre respeitando as opções contrárias às nossas. “Podemos nos equivocar, podemos errar. Mentir, nunca” (2021, p. 70).

E as artes não diferem disso. Calcadas sempre nas escolhas de seus criadores ou “praticantes ordinários” (CERTEAU, 2014), as obras de arte se abrem para fruições que podem ser singulares ou plurais e que não se encaixam nas certezas ou verdades absolutas. Propiciam encontros, desencontros, surpresas, afetações, questionamentos, desestabilizações, fabulações e movimentações do pensamento que são somente nossas, mas que se espalham e se espelham nas redes educativas que formamos e pelas quais ainda somos formadas diariamente.

Imagem 70 – Viva o SUS!



Fonte: @artvistha.

Ao pensar nessa forma de conexão com as artes e ‘*aprenderensinar*’ com elas, as ‘*prácticasteorias*’ docentes se abrem para construções éticas que atuam no respeito às diferenças

e se afastam dos consensos, das ideias prontas e dos discursos totalizantes. Ou seja, há um vínculo bem estreito entre as criações, as culturas, os usos das artes e as práticas e causas sociais, já que

(...) ensinar consiste em emitir signos, sem que tenhamos controle em relação ao que será feito com eles, por aqueles que os encontrarem. Isso não significa que não devamos emitir signos, mas sim que precisamos nos desapegar deles, precisamos abdicar de nossa vontade de controlar o aprendizado de cada um de nossos alunos, apesar de todas as boas intenções que possamos ter com isso. Precisamos ter a coragem de ensinar como quem lança sementes ao vento, com a esperança dos encontros que possam produzir, das diferenças que possam fazer vingar, nos encantando com as múltiplas criações que podem ser produzidas a partir delas, não desejando que todos façam da mesma maneira, sejam da mesma maneira (GALLO, 2012, p. 9).

Certeau (2012, p. 138) nos indica que as escolas não possuem mais a mesma relação com um poder que difunde um modelo cultural de centro, hegemônico. As culturas, as artes, os docentes e os discentes que se encontram nas bordas constituem um polo de resistência e distância a um modelo de educação baseada numa unicidade. E quando isso acontece “atividades criadoras se tornam significativas” e conflitos políticos inevitavelmente aparecem.

A forma como pensamos, falamos, agimos e nos relacionamos com os tantos ‘*corpos mentes*’ e acontecimentos cotidianos diz respeito às mobilizações constantes de ideologias, relações de poderes, saberes, fazeres e representações. E as artes, com a potência de sua presença e visualidade, nos colocam diante de conflitos, instabilidades e práticas sociais a todo momento. Elas só existem porque existimos. E se (re)fazem e nos (re)organizam a cada afetação que nos provocam. Redes, valores, interesses e decisões pessoais vêm à tona quando estamos diante delas. Aspectos estes que irão refletir na coletividade. Política!

Engana-se quem pensa que a política é exercida ou praticada somente na esfera governamental ou pública, nas participações sindicais, nas manifestações por melhores salários ou condições de trabalho ou na defesa de um ou outro partido político. Também é, mas não se encerra aí. Viver é, antes de tudo, “*con-viver*” e, portanto, a dimensão política sempre irá existir, como nos lembra Gallo (2012, p. 31). Viver é sair do “jogo de uma sociedade que constitui o cultural como espetáculo” (CERTEAU, 2012, p. 146) e combater quaisquer formas de comercializações econômico-políticas que anulam as múltiplas existências, escolhas e culturas.

É se deslocar para um papel de ator ou autor de ‘*prácticasteorias*’ que desequilibram o patriarcado, revisam estruturas excludentes e compartimentadas, problematizam organizações

familiares e educativas, questionam privilégios e que desembrulham lindamente a autonomia social e política discente.

Assim como defende Freire (2021, p. 55), acredito que:

É preciso assumir realmente a politicidade na educação. Não posso pensar-me progressista se entendo o espaço da escola com algo meio neutro, com pouco ou quase nada a ver com a luta de classes, em que os alunos são vistos apenas como aprendizes de certos objetos de conhecimento aos quais empresto um poder mágico. Não posso reconhecer os limites da prática educativo-política em que me envolvo se não sei, se não estou claro em face de a favor de quem pratico. O a favor de quem pratico me situa num certo ângulo, que é de classe, em que diviso o contra quem pratico e, necessariamente, o por que pratico, isto é, o próprio sonho, o tipo de sociedade de cuja invenção gostaria de participar.

Imagem 71 – Equidade



Fonte: Facebook.com.

Chamo atenção, aqui, para as micropolíticas que talvez escapem das nossas atenções. As microações que repaginam os *'espaçostempos'* escolares junto com as artes. Que criam outras maneiras de viver e atuar no mundo, e anulam quaisquer tipos de fundamentalismos pedagógicos e tentativas de regulações entre *'docentesdiscentes'*. Que nos impossibilitam de

sermos neutros e de nos omitirmos frente aos sonhos e injustiças. E que nos movam para um *‘fazerpensar’* docente mais democrático, atento, respeitoso e afastado das generalizações. Recomeços!

E assim trago novamente Certeau (2012, p. 186), ao dizer que:

A política tem vistas curtas quando nega aquilo que traem *igualmente* essas distorções no funcionamento interno e irrupções estranhas ainda desprovidas de formulações novas e “corretas”. Ela prepara museus, não uma sociedade, Mais audaciosa e também, afinal, mais lúcida em matéria de saber, é a política que distingue na diversidade dos sinais o símbolo de um movimento geral e, portanto, o início de uma reorganização a ser feita. Mas, exatamente porque a coragem intelectual não basta, assim como a lucidez sozinha, faz-se necessária uma escolha, ligada à ambição de recomeçar, isto é, de viver.

Resistência e criação. Relação conjunta e complementar. (Re)existências! É importante indicar que esses movimentos acontecem nas dimensões ética, estética e política e em meio às relações de poder... Caminhar por novas vivências e experiências é garantir o des-enraizamento de outras memórias e histórias. É nos emaranharmos por tramas fortes e resistentes que dão voz, fala, sentido e sentimento a todos os *‘corposmentes’*. É colorir juntos novos e belos quadros existenciais. É fazer dos acontecimentos imprevisíveis trajetos nômades (DELEUZE; GUATTARI, 2012) que nos libertem de falsas democracias. É poetizar os cotidianos, sonhar, esperar e criar travessias e travessuras. Caminhar pelos “entres”, pelas fissuras.

Com as artes, é possível contestar práticas e posturas autoritárias, transpor as estruturas dicotomizadas das disciplinas e dos saberes em linearidade, produzindo novas formas sensíveis de lidar e sentir com/o mundo. Elas criam maneiras de “ir além do já sabido”, do hegemônico, do controle e da regulação, propondo fissuras nos tantos *‘dentrofora’* dos *‘espaçostempos’* escolares.

Portanto, penso com Ferraço e Gomes (2020, p. 159) quando relatam que

se, de fato, como defende Deleuze (2006), o “caminho” do aprendizado passa inexoravelmente pelos diferentes encontros-acasos com os signos mundanos, amorosos, sensíveis até chegarem aos signos da arte, então é forçoso pensar que esse caminho jamais será linear, sequenciado, hierarquizado, gradativo e cumulativo, mas acontecerá ao sabor das experiências, dos acasos, das temporalidades, do involuntário.

E com Fisher (2022, p. 36), que nos instiga a refletir da seguinte forma:

Afinal, como combater o fascismo que em nós se alojou, e que por vezes quase nos paralisa, nos nossos dias? [...] Temos muitos não a afirmar: contra totalidades violentas, hierarquizações e sedentarismos rígidos, verdades únicas, individualizações acirradas, contra as ácidas tiranias cotidianas. Mas temos muitos sins pelos quais lutar:

a favor dos arranjos móveis, dos nomadismos, das políticas que intensificam o pensamento, dos agrupamentos multiplicadores do afeto (e também da luta política, ao modo de Marielle Franco).

Por fim, ao entender que os cotidianos são plurais e diversos, imprevisíveis e inaprisionáveis, que produzem acontecimentos, movimentos e criam ‘*conhecimentossignificações*’ que borram o ideal nos tantos ‘*dentrofora*’ das escolas, as “doses de sorte-acaso” ou “acazos-caos” (FERRAÇO; GOMES, 2020, p. 161) apareceram nesta pesquisa ou ainda aparecerão no decorrer de nossas jornadas como docentes-pesquisadoras.

Imagem 72 – Ah, os detalhes...



caixadesaída
São Paulo



Para:

Cc/Cco:

Assunto:

o que fica pra sempre
costuma morar no detalhe

Fonte: @caixadesaída

PARA NÃO CONCLUIR ESSA CONVERSA

Se formos capazes de desejar outros modos de educar, outras maneiras de se relacionar com e na educação; se formos capazes de rascunhar intenções que se movem para arriscar a fazer o novo, a fazer-se de novo; se formos capazes de imaginar como remover o peso paquidérmico da burocracia de nossas instituições, então, grávidas e grávidos desse desejo futuro, acabamos sendo interpelados por um presente que não aceitamos mais

(CARVALHO; GALLO, 2022, p. 157).

Me encaminho para o final dessa escrita com o *'corpomente'* leve e o coração tranquilo ao poder defender, ao longo dessa pesquisa, uma educação pública de qualidade que se configura como um lugar de potentes encontros com o novo e com o desejo de criar outras versões de nós, docentes e discentes, e do mundo.

Mas também me encaminho para o final deste texto sem encerrar a minha convicção de que esta pesquisa continuará comigo nas salas de aulas e nos *'espaçostempos'* das escolas públicas cotidianamente, pois tudo isso aqui narrado é a minha vida, a minha práxis pedagógica.

- Ah, então dar aulas é maravilhoso? Não existem problemas?

Já me perguntaram.

É maravilhoso, sim! E existem problemas e desafios aos montes, que não cabe aqui serem listados. Mas quando tive a oportunidade de fazer parte deste grupo de pesquisa pude entender que pesquisar com os cotidianos é sair da superficialidade vazia da ordem e da zona de conforto, e mergulhar mais profundo nas belezas do caos, das imprevisibilidades. São nos acasos, naquilo que escapa o nosso planejamento, que encontramos aquilo que nos arrepia e que nos movimenta. Mas talvez seja preciso uma mudança de “olhares”, sentidos e sentimentos para que isso aconteça.

As narrativas autobiográficas ao longo desta pesquisa se apresentam como uma ação e escolha ética e política que se conecta com as imagens e com as artes de forma estética e poética, culminando em conversas, criações curriculares e *'conhecimentossignificações'* que borram qualquer convicção e “funcionalidades de um sistema que entuba o pensamento, convertendo-o a mera funcionalidade” (CARVALHO; GALLO, 2022, p. 160) e à ordem estabelecida pelas fronteiras fictícias das disciplinas.

Além do mais, acreditamos que é pelas narrativas e conversas que nos conectamos com as tantas outras histórias e memórias daqueles que formam as nossas redes educativas e que ajudamos a formar. É a partir dos encontros que nos afastamos ou nos aproximamos dos outros,

mas também de nós mesmos. E é por esse caminho que Fisher (2022, p. 33) nos conduz a pensar que:

Partilhar. Conversar. Rememorar. Narrar. Trata-se de um dever ético. É o que nos sugere Chico Buarque. É o que aprendemos com Walter Benjamim. É o que ouvimos do narrador do filme *Nostalgia da luz*, criação do diretor chileno Patricio Guzmán: “Os que têm memória são capazes de viver no presente. Os que não têm, não vivem em nenhuma parte”. Para Guzmán, não podemos jamais nos furtar a abrir o “grande livro da memória”.

Imagem 73 – Encontros pela arte



Fonte: Acervo pessoal.

A opção pelo recorte entre os anos 2020 e 2021 também se faz como uma alternativa de pesquisar com a vida que acontece nos imprevistos, como foi com a pandemia de Covid-19.

Quem poderia imaginar que passaríamos por um episódio de tantas perdas – de vidas e de direitos –, negacionismos e sucateamentos? Em meio a tudo isso, porém, é inegável que também tivemos belos ganhos que transformaram a escola e seus *‘praticantespensantes’* como nunca antes observado com tanta atenção.

O período pandêmico nos fez entender que não é preciso estar nos espaços físicos das salas de aulas e das escolas para que a potência criativa, a curiosidade e o desejo pelo novo sejam postos como prioridade nos processos educativos. Mas o docente é insubstituível! Observamos também que não foi necessário estar perto fisicamente para que relações de afeto fossem fortemente estabelecidas. Aliás, nunca me senti tão perto das crianças e de suas famílias com antes. Afinal, estávamos literalmente uns dentro das casas dos outros.

Caminho, processo. Apostamos na existência do possível nesses dois anos de pandemia no Brasil. Entre as metas preestabelecidas e os pontos de chegada, estavam os múltiplos agenciamentos de possibilidades curriculares. Estavam as inúmeras formas de usar as artes e os artefatos culturais como importantes aliados na criação de singularidades e de *‘conhecimentossignificações’* nômades (DELEUZE; GUATTARI, 2012), que encontram no devir-curriculo espaços para resistir.

É certo que quando aceitamos mergulhar mais profundamente nesses *‘espaçostempos’* de inovações não desejamos mais retornar à superfície. É na profundidade e na potência dos encontros que conseguimos ir além do que nos é imposto como verdade absoluta e dos dogmatismos. Que nos (trans)formamos cotidianamente. Que a vitalidade da educação e dos currículos transbordam em curiosidade, diversão, ousadia, exercício das diferenças e afirmação das tantas possibilidades de existências.

Em concordância com Carvalho e Gallo (2022, p. 159),

O que almejamos é enfrentar o medo que pode nos paralisar e nos subjugar. [...] Com efeito, erguemos as lâminas de nosso desejo contra toda e qualquer dominação ideológica, psíquica, física; contra a polícia das ideias, a *pax romana* da normalização violenta, as lobotomias dos afetos, as catequeses dos dogmatismos e das ortodoxias, as câmaras de gás dos preconceitos, os campos de concentração da criatividade e as inquisições sem fogueiras.

É contra tudo isso que luto diariamente, ao ousar desejar uma educação criativa com as artes e com as imagens. Com os sorrisos, abraços, sabores e saberes diversos e múltiplos.

Portanto, sem encerrar essa conversa e essa pesquisa que se iniciou no auge dos medos e saudades causadas pela disseminação do novo coronavírus pelo mundo, sigo caminhando a passos firmes em direção às incertezas que as pesquisas com os cotidianos nos oferecem.

Apesar das repetições das conversas e conteúdos curriculares, os resultados serão sempre diferentes e surpreendentes, pois somos únicos e diversos em nossas redes, histórias e narrativas.

Compactuo com as palavras de Thamy Lobo (2021, p. 129) quando ela nos diz lindamente que:

Pesquisar *‘nosdoscom’* os cotidianos é incrível, é poesia, é sublime, mas também é susto, é desafio, é prosa, é surpresa. Não temos como dominar o que acontece. Não há uma fórmula pronta ou uma sequência de atos que nos trará algum resultado. Essa pode ser uma das características mais interessantes dos cotidianos, por mais que o significado da palavra, em alguns dicionários, nos remeta a repetição, a ações que acontecem todos os dias, eles são, surpreendentemente, imprevisíveis. Assim como não conseguimos realizar tarefas da mesma maneira, vivenciamos diversas pequenas ou enormes situações dia após dia.

Sigo com o desejo de que outras vozes, imagens, artes e poéticas cotidianas sejam *‘vistasouvidassentidaspensadas’* em prol de uma educação que transborde afetos, coragem, ousadia e criações curriculares que deslizem da ilusão de controle e se esparrame pelo desejo de explorar e admirar novas paisagens.

E assim eu continuo e me reinvento a cada instante. E como é desafiador esse continuar ... Sigamos!

Imagem 74 – Prazer, Talita



Fonte: Acervo pessoal. Criação da autora.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Volpi. *Fachada com Bandeirinhas*, 1950. In: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/alfredo-volpi>. Acesso em: 13 jan. 2023.

ALVES, Nilda. *Práticas pedagógicas em imagens e narrativas – memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje*. São Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, Nilda. Formação de docentes e currículos para além da resistência. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 71, p. 1-18, 2017.

ALVES, Nilda; CONCEIÇÃO, Rafaela Rodrigues da; MALHEIROS, Talita. Creaciones docentes: ética, estética y política (más allá de la resistencia al acontecimiento de la pandemia). *Voces de la educación*, número especial, p. 132-151, 2021.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; CHAGAS, Claudia; MENDONÇA, Rosa. Imagens, sons e narrativas: criar conhecimentos e formar docentes. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 223-246, jan./abr. 2020.

ALVES, Nilda; LIMA, Júlia da S.; CONCEIÇÃO, Rafaela R.; GREGORIO, Talita M. SÓ AS ARTES NOS SALVAM!!!! – as tantas crianças que há em nós. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 14, n. 2, p. 158-172, maio/ago. 2021.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra N.; CHAGAS, Cláudia; MENDONÇA, Rosa. Imagens, sons e narrativas: criar conhecimentos e formar docentes. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 225-246, jan./abr. 2020.

ALVES, Nilda; CALDAS, Alessandra Nunes; ROMANHOLLI, Lucia Teresa. Pensar as escolas como ‘espaçotempos’ nos quais se desenvolve ações com as dimensões éticas, estéticas, políticas e poéticas – redes educativas e processos curriculares cotidianos, na beleza e com a razão. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (Orgs.). *Currículos e Artistagens: Política, ética e estética para uma educação inventiva*. Curitiba: CRV, 2022. p. 194-205.

ALVES, Nilda; SOARES, Maria da Conceição Silva; CAETANO, Marcio. Imagens: resistências e criações cotidianas. *Revista Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.*, Rio Grande, p. 4-7, jun. 2020.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de; MELO, Alessandra Aparecida de; MELO, Sara. Povoar outras terras, com imagens. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.*, Rio Grande, p. 450-468, jun. 2020. (Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”)

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSUKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (Orgs.). *Estudos do cotidiano, currículo e formação docente – questões metodológicas, políticas e epistemológicas*. Curitiba: CRV, 2019. p. 19-46.

AZEVEDO, André Machado de. *Dane-se o impossível*. Lisboa: Chiado Editora, 2019.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. Infância, arte e micropolítica da semiótica a-significante: volúpias de vida para uma educação. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (Orgs.). *Currículos e Artistasagens: Política, ética e estética para uma educação inventiva*. Curitiba: CRV, 2022. p. 13-37.

CARVALHO, Alexandre Filordi de; GALLO, Sílvio. Epílogo – Por uma educação que ousa desejar – um manifesto. In: CARVALHO, Alexandre Filordi de; GALLO, Sílvio. *Do sedentarismo ao nomadismo: intervenções do pensamento das diferenças para a educação*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022. p. 155-165.

CARVALHO, Janete Magalhães. Redes de conversações como um modo singular de realização da formação contínua de professores no cotidiano escolar. *Revista de Ciências Humanas*, v. 6, n. 2, p. 281-293, jul./dez. 2006.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v.1. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 17-49.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v.3. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 91-125.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Sobre alguns regimes de signos. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 2. São Paulo: Ed. 34, 2011. p. 63-113.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Os personagens conceituais. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 75-101.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Tratado de nomadologia: a máquina de guerra. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 5. São Paulo: Ed. 34, 2012. p. 115-118.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; GOMES, Marco Antonio Oliva. Signos artísticos e aprendizagens involuntárias. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (Orgs.). *Currículo e estética da arte de educar*. Curitiba: CRV, 2020. p. 137-168.

FERRAÇO, Carlos Eduardo; ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmem Sanches (Orgs.). *Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?* Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. p. 41-64.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Na luta antifascista, a Arte (e a dor) de lembrar. In: SILVA, Rodrigo Lages; MIRANDA, Aline Britto (Orgs.). *Horizontes coletivos: experiência urbana e construção do comum*. Curitiba: CRV, 2022. p. 29-37.

FREIRE, Paulo. *Política e Educação*. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GALLO, Silvio. A Vila: microfascismos, fundamentalismo e educação. In: GALLO, Silvio; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Fundamentalismo e Educação – A Vila*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 17-35.

GALLO, Silvio. As múltiplas dimensões do aprender. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO. Florianópolis: Secretaria Municipal de Educação, 2012, p. 1-10. *Anais...* Disponível em: <https://bit.ly/33x7FOV>. Acesso em: 14 dez. 2021.

GALLO, Silvio (Coord.). *Ética e cidadania: Caminhos da filosofia: elementos para o ensino de filosofia*. 20. ed. Campinas: Papirus, 2012.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 2012.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEITE, César Donizetti Pereira; CHISTÉ, Bianca Santos; CAMMAROTA, Giovani. Fazer morada na infância: imagens de currículos em devir-criança. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (Orgs.). *Currículo e estética da arte de educar*. Curitiba: CRV, 2020. p. 115-136.

LIMA, Camila Machado de. *O que eu mais gostei na escola foi do seu cabelo: por uma formação docente infantil e denegrida*. Rio de Janeiro: EDUNIRIO, 2020.

LOBO, Thamy. Nós ‘escritoresleitores’: tecendo narrativas cotidianas e imaginárias com jovens acerca de movimentos migratórios. 2021. 138f. Dissertação (Mestrado em Processos Formativos e Desigualdades Sociais) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

LOPES, Sammy W. O currículo, a infância e o tempo. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (Orgs.). *Currículos e Artistas: Política, ética e estética para uma educação inventiva*. Curitiba: CRV, 2022. p. 93-104.

MARTINS, Alice Fátima. *Outros fazedores de cinema*. Porto Alegre: Zouk, 2019.

MARTINS, Alice Fátima. Toda criança desenha ... toda criança desenha?! In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola ...* Santa Maria: EDUFMS, 2010. p. 227-247.

MENDONÇA, Rosa Helena de; SANTOS, Joana Ribeiro dos; TOJA, Noale; MORAIS, Maria. “Cineconversas” e fabulações curriculantes: o uso de filmes e a potência das

conversas como metodologia de pesquisa em educação. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 1109-1130, out./dez. 2020.

NETTO, Maria Jacinta Vargas. *Gestos tecnológicos: o que pensa o YouTube em um curso de formação de professores de uma universidade pública na cidade do Rio de Janeiro?* Rio de Janeiro: NEFI, 2016. (Coleção: Teses e Dissertações 3)

NOLASCO-SILVA, Leonardo. *Tecnodocências: a sala de aula e a invenção de mundos*. Salvador: Devires, 2019.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; LO BIANCO, Vittorio. *Os isolados e os aglomerados da cibercultura – Ensino remoto emergencial, educação a distância e educação online*. Salvador, Bahia: Devires, 2022.

NOLASCO-SILVA, Leonardo; REIS, Vinícius. Currículos fabulados, gênero encenado e a audiovisualização da ciência. In: 12º SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO – Lugares de fala: direitos, diversidades, afetos. *Anais...* Florianópolis, UFSC, jul. 2021, p. 1-12.

OLIVEIRA, Thiago Rannierly Moreira de; RAVANELLO, Letícia da Silva. No encontro com as imagens, aprender com artes: máquinas de pensar através da pele na cultura visual. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.*, Rio Grande, p. 528-546, jun. 2020. (Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”)

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PALLASMAA, Juhani. Emoção e Imaginação. In: PALLASMAA, Juhani. *As mãos inteligentes: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura*. Porto Alegre: Bookman, 2013. p. 135-145.

POCAHY, Fernando. Por um direito ao devir: derivas de uma educação libertina. In: DORNELLES, Priscila Gomes; GIVIGI, Ana Cristina Nascimento (Orgs.). *O Recôncavo Baiano sai do armário*. Universidade, gênero e sexualidade. 1. ed. Cruz das Almas: EDUFRB, 2013. p. 55-66.

RANCIÈRE, Jacques. *O destino das imagens*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

ROCHA, Renata; LOBO, Thamy. Bricolagens artísticas: contradições e (in)conformidades na arte e na educação carioca. *Revista Teias*, v. 21, n. 63, p. 309-323, out./dez. 2020.

SABINO, Kelly. *Arsenal: um bando de ideias sobre arte na educação*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23122015-083531/publico/KELLY_SABINO_rev.pdf. Acesso em: 21 jan. 2022.

SANTOS, Joana; MACHADO, Marcelo; MORAIS, Maria. 'Práticas teóricas' pandêmicas: redes educativas, currículos e adoecimento social. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 06, n. 17, p. 251-272, jan./abr. 2021.

SOARES, Conceição. Sabedoria e ética para “salvar a própria pele”. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 110, p. 57-71, jan.-mar. 2010.

SOARES, Conceição; PAIVA, Vanessa Maia Barbosa de; FONSECA, João Barreto da. Selfie e a tessitura de imagens e currículos individuais e coletivos nas/com as redes educativas. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 02, n. 06, p. 549-564, set./dez. 2017.

TOJA, Noale; CONCEIÇÃO, Rafaela Rodrigues da; MALHEIROS, Talita. Criações e usos da Artes como tecelãs de 'conhecimentos e significações' curriculares. *Revista Série-Estudos*, Campo Grande, MS, v. 26, n. 58, p. 265-284, set./dez. 2021.